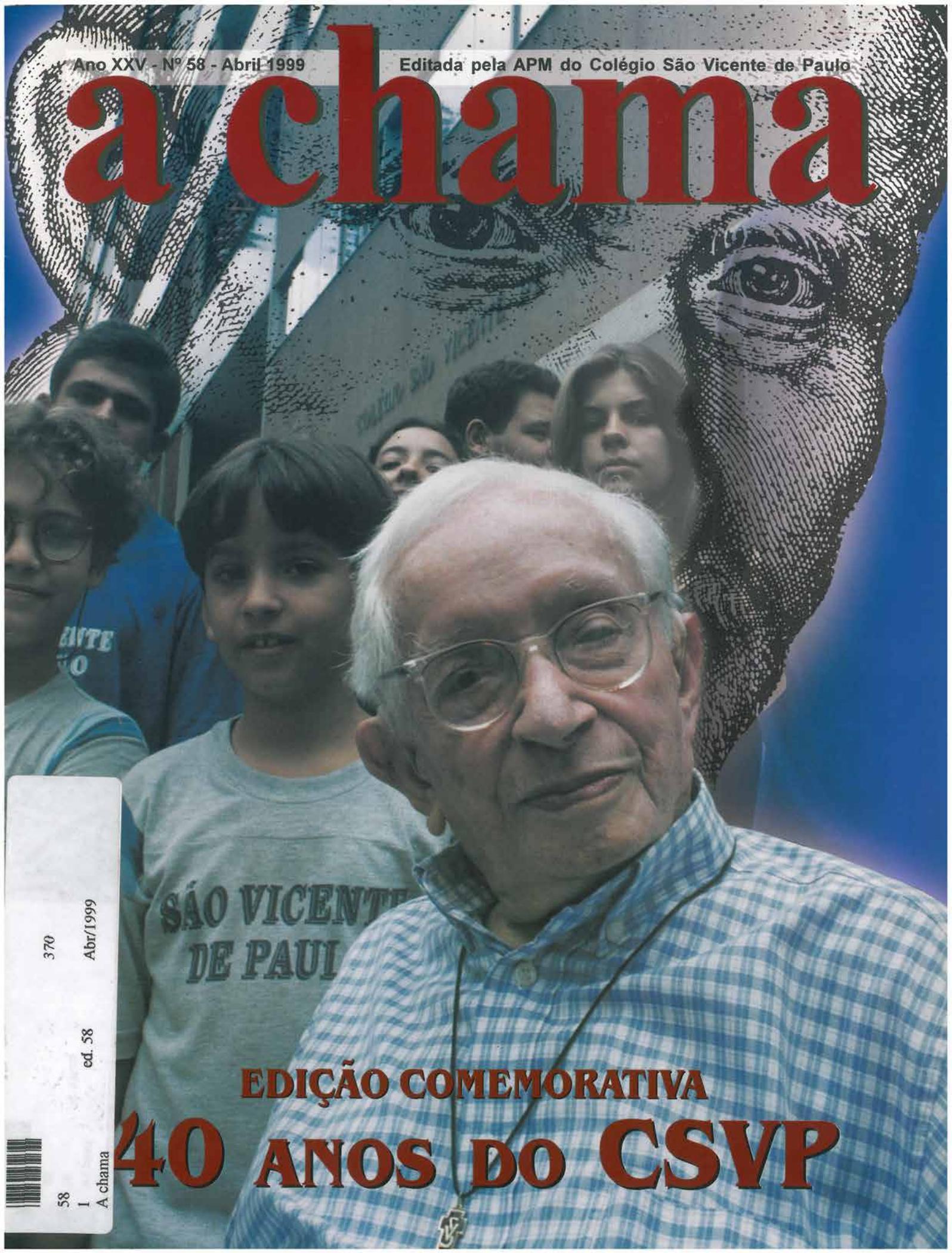


Ano XXV - Nº 58 - Abril 1999

Editada pela APM do Colégio São Vicente de Paulo

a chama



370

Abr/1999

ed. 58

58

I

A chama

EDIÇÃO COMEMORATIVA

40 ANOS DO CSVP

GRANDE JUBILEU DA REDENÇÃO

ROMA 2000



A A.B.T. - Agência Brasileira de Turismo
é promotora de peregrinações a Roma,
para as comemorações no ano 2000
do Grande Jubileu da Vinda de Cristo

**DUAS ALTERNATIVAS DE VIAGENS COM A PARTICIPAÇÃO
DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO**

PARTIDAS EM 17 DE JULHO DE 2000

Programa básico: 7 dias em Roma

Roma e Terra Santa: 7 dias em Roma e 7 dias na Terra Santa

*Esclarecimentos com o Prof. SÉRGIO MAIA e
na secretaria da Coordenação Pastoral - 5º andar - Tel.: 556-4390*

REALIZAÇÃO:



Av. Rio Branco, 109-gr. 704 – CEP 20054-900 – Rio de Janeiro/RJ – Tel.: 509-6632 – Fax: 242-9871

E-mail: turismo@abt.com.br – Home page: <http://www.abt.com.br> – EMBRATUR 00178-00-42-8

SETOR ESPECIAL PARA PEREGRINAÇÕES: Fone/fax: 255-9905 – E-mail: claudio@abt.com.br

*A A.B.T. orgulha-se em realizar uma peregrinação aos santuários europeus por ocasião
dos cinquenta anos de ministério sacerdotal do Pe. José Pires de Almeida, C.M.*

SUMÁRIO

- 2 *Construindo juntos
o Projeto Pedagógico*
- 4 *Debate com coordenadores*
- 9 *CSVP – 40 anos*
- 14 *Trajatória de Libertação*
- 15 *Você estará lembrado...*
- 18 *Grande Jubileu do ano 2000*
- 20 *40 anos de esportes*
- 22 *Coral do CVSP lança CD*
- 23 *Dirigir aos 16?*
- 27 *Clara Sandroni*
- 28 *Presente e futuro:
o que pensam os jovens?*
- 30 *Churrasco reúne ex-alunos*
- 30 *A rua é minha casa*
- 30 *Graúna na TV Futura*
- 31 *Alunos concluintes 1998*
- 32 *Cartas / Espaço Aberto*

NOSSA CAPA:

*Padre Horta, cercado de alunos,
em frente ao Colégio.
Ao fundo, São Vicente de Paulo.*

Editorial



É uma imensa responsabilidade suceder o Walter e a Lucília e demais membros da Diretoria anterior da APM. Afinal, foram quatro anos (dois mandatos) que deixaram uma marca indelével no nosso Colégio São Vicente de Paulo. A eles, nosso muito obrigado.

*Vocês devem estar se perguntando: quem é este sujeito que nem chegou e já fala em **nosso** São Vicente?*

Cabe, pois, uma apresentação: vivo o Colégio São Vicente de Paulo desde o dia 30 de março de 1959 quando, aos seis anos de idade, ingressei como aluno da primeira série primária. E fiquei durante 12 anos até o final de 1970 quando prestei exame vestibular. Mais tarde, de 1974 a 1980, convivi com a comunidade Vicentina como professor. E, agora, como pai.

Estamos assumindo uma nova gestão da APM. E assumindo com responsabilidade dobrada pois seremos a Diretoria dos quarenta anos do Colégio e dos cinquenta anos de sacerdócio do nosso Diretor, Padre Almeida.

1999 é um ano decisivo para a educação no Brasil. A nova Lei de Diretrizes e Bases está entrando em vigor trazendo mudanças profundas nas escolas. Até o final deste ano, toda escola deverá ter concluído o seu Projeto Educacional. E o São Vicente está em pleno processo de elaboração do seu projeto. Esta nova Diretoria da APM está integralmente engajada neste projeto. Afinal, nós pais somos os maiores interessados na educação dos nossos filhos. E, se a nós foi dada a oportunidade de participar, é nossa obrigação, como pais, levantar esta bandeira.

Durante este ano teremos diversos eventos ligados ao Projeto Educacional. Serão seminários, debates, fóruns. Todos serão amplamente divulgados. E somente participando poderemos exercer plenamente a nossa cidadania.

Queremos aproveitar esta oportunidade para lançar um desafio. Vamos provar que a comunidade dos pais do Colégio São Vicente de Paulo, ao contrário do que se comenta, é fortemente participativa e não abre mão do seu direito de opinar, de contribuir. Compareçam aos eventos. Opinem. Contribuam. E teremos a escola que realmente desejamos para os nossos filhos.

Jorge Eduardo Wood Faulhaber

P.S.: é claro que a participação dos alunos no processo também é fundamental. Se não foram, aqui, formalmente convocados é porque os alunos do São Vicente sabem, como poucos, exercer os seus direitos.

a chama

Revista editada pela APM -
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXV - Nº 58 - Abril / 1999
Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho
Tel. (021) 556-0796 - CEP 22241-090 - Rio de Janeiro - RJ

Supervisão editorial:

Pe. José Pires de Almeida e Jorge Faulhaber

Edição: Gustavo Barbosa e Vanja Freitas

Ilustrações: Iuri Lioi, Danilo Lucas e Mateu Velasco

Fotos: George Fant e Arquivo CSVP

Edição visual: Conceito Comunicação (021-507-6168)

DIRETORIA DA APM

Casal Presidente:

Jorge Eduardo Wood Faulhaber e Maria Cristina B. Faulhaber

Casal Vice-Presidente: Osvaldo Lioi e Carla Lioi

Casal Relações Públicas: Clóvis Speroni e Luciana Vasconi

Casal Tesoureiro:

Duarte Machado Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente

Casal Secretário:

Jésus de Alvarenga Bastos e Regina Maria Marteleto

Casal Representante dos Professores:

Paulo Góes e Cristina Góes

Construindo juntos o Projeto Pedagógico

Em que sociedade acreditamos e que homens precisamos ajudar a educar para construí-la?

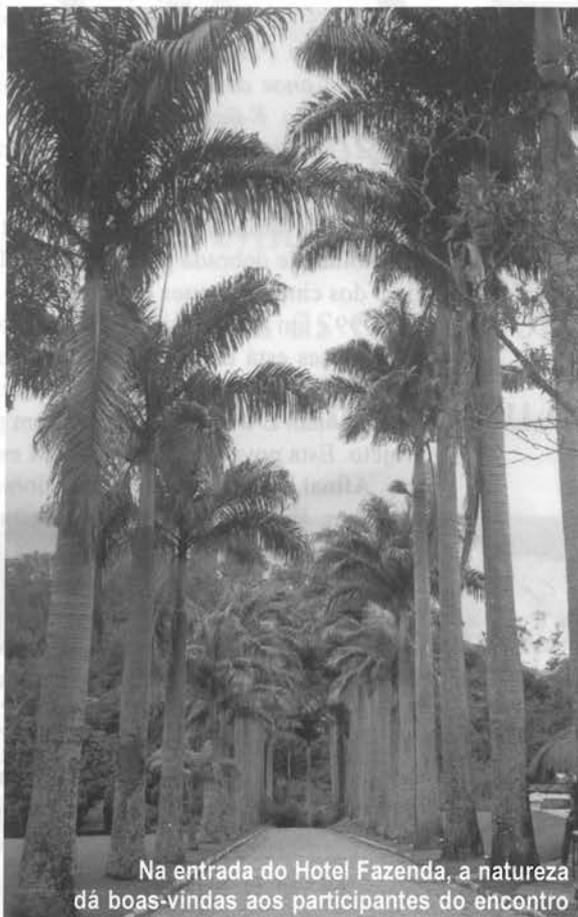
Pensando juntos sobre este “ponto de chegada”, reuniram-se alunos, ex-alunos, pais, professores e funcionários do CSVP, nos dias 17 e 18 de abril, para a primeira etapa da elaboração do **Projeto Pedagógico do Colégio**.

A construção do Projeto Pedagógico, com a participação ativa de todos os segmentos da comunidade, é um passo importante na implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases. Ele será o principal instrumento para nortear as ações e transformações da escola nos próximos anos.

O ambiente não podia ter sido mais acolhedor. No Hotel Fazenda Maria Cláudia, em São José do Vale do Rio Preto, reuniram-se oitenta pessoas para apresentar as contribuições anteriormente debatidas em seus segmentos.

A elaboração do Projeto foi dividida em dois momentos. Depois desta primeira etapa estaremos debatendo, também de modo participativo, quais serão os caminhos mais eficazes e coerentes para alcançar a nossa meta.

Nas fotos destas páginas, **A Chama** deixa registrado o clima de alegria e confraternização que marcou o **I Seminário do Projeto Pedagógico do CSVP**.



“São Vicente, uma História de Vanguarda” foi o tema da palestra do prof. Hugo Paiva



Prof. Artur Motta, Pe. Maurício Paulinelli (diretor administrativo do Colégio) e Pe. Eli Chaves (Padre Provincial da Congregação da Missão), na abertura do encontro

Momentos de lazer na tarde de sábado: futebol, piscina, caminhada e passeios de charrete



Aspecto do plenário

Reunidos em grupos, os participantes debateram as propostas, com dois objetivos: "Falando a mesma língua" e "Construindo o mesmo discurso"



Pe. Almeida situou o Seminário com sua visão de diretor do Colégio



Na noite de sábado, muita alegria com queijos e vinhos e um animado Karaoke



Leitura dos "Mandamentos do Aluno Vicentino", pelas ex-alunas Maria Muanes e Cristiana Minaio



Domingo cedo, grupos por setores debateram sobre como concretizar as idéias do Seminário



Domingo, meio-dia: a missa ao ar livre fechou os trabalhos com chave de ouro

Participação eficaz

O momento é bastante oportuno, pois nos encontra comemorando os 40 anos de fundação do Colégio. Assim, o Projeto terá, além de um olhar em direção ao futuro, a devida consideração com tudo o que foi e vem sendo construído nesses 40 anos.

Para a primeira etapa, foi elaborado um texto provisório, compilando todas as contribuições significativas que permearam esses 40 anos de prática, além de novas contribuições que vêm surgindo nos últimos tempos.

Todas as propostas estão sendo examinadas e transcritas, para chegarmos a um documento que expresse os desejos de todos. A seguir, ele será enviado a todos os membros da comunidade que desejarem participar do processo, através de seus órgãos representativos.

A forma de elaboração do nosso Projeto Pedagógico, além de ser a mais eficaz e democrática, é a mais coerente com os 40 anos de prática participativa do Colégio São Vicente de Paulo.

Professor Artur Motta
Coordenador Comunitário

“Nós estamos mudando para o futuro.”

Para debater a evolução da proposta pedagógica do Colégio São Vicente de Paulo, desde a sua fundação até os dias de hoje, e as perspectivas para o futuro, A Chama reuniu os coordenadores Cristina Caldas, Liliane Santos, Marlene Bluhm, Patricia Rubim, Sérgio Maia e Solange Borba.



Marlene: Eu tenho muito de história para contar. Mas vejo que as grandes modificações são feitas em cima de valores. A escola tradicional de São Vicente, que eu conheci em 1960, tem muito compromisso com a qualidade, com a realidade, e é uma escola de vanguarda, a partir do momento em que desde o primeiro minuto se coloca dialogando muito e solicitando a participação de todos para a reflexão. Eu acho que o grande pomo frutuoso da escola é a reflexão e o diálogo. Foi por isso que nós conseguimos satisfazer os anseios da sociedade, desde a fundação da escola até hoje.

Sérgio: O São Vicente formou uma equipe que se propõe a interpretar os anseios da sociedade, os anseios da igreja, e que percebeu que estava se pedindo alguma coisa nova. Então este Colégio sempre foi isso... essa vanguarda de perceber que tinha que fazer mudanças.

Marlene: Tudo isso foi fruto de

uma reflexão constante. A escola tem estado sempre acordada para um planejamento participativo. Quando ainda não se falava isso, em termos de Educação, aqui já havia, desde o início, grupos de reflexão trabalhando. Então não era nunca a idéia autoritária de uma pessoa a se fazer vigente.

Sérgio: O melhor exemplo disso é o Conselho Pedagógico do Colégio, que tem quase trinta anos. Outros colégios também têm sua caminhada, e tiveram esse momento, mas a forma-

ção de um conselho, para discutir as questões da escola junto com a direção, costuma demorar muito. E ainda há escolas no Rio de Janeiro em que a direção é totalmente autoritária. Nosso Conselho Pedagógico é um exemplo de como o São Vicente, nestes quarenta anos, vem tendo momentos de grande lucidez histórica e de participação de todos.

Liliane: Em educação se fala muito no novo, se fala muito em mudança, mas na prática acontece pouco, não é? E no São Vicente isso acontece mesmo. Há essa prática de se discutir, de se avaliar, de se ampliar esse horizonte. E se discute mesmo a função do cidadão, do sujeito, a atuação dele na sociedade. Muitas escolas foram pelo caminho do novo e se perderam, mas o São Vicente continua nesse caminho. E a intenção é progredir cada vez mais, sem perder a essência, a filosofia. A proposta inicial, essa linha condutora, se modifica, mas não se perde.

“São Vicente era um homem muito prático. A educação libertadora foi a sua grande caminhada, entre dores e esperanças.”

(Sérgio Maia)

Nós estamos preparando o futuro.”

Marlene: Sem dar uma conotação mística, eu vejo que nós temos a proteção do santo. Se a gente ler a vida de São Vicente, percebe que ele era uma pessoa sensível, uma pessoa que observava a realidade, julgava essa realidade, procurava soluções. Não trabalhava sozinho, administrava o momento histórico dele. E conhecendo isso a gente percebe que está fazendo o mesmo. Temos uma linha de ação desde a 1ª série, de observação, de percepção. A gente segue como que um método científico, elaborando hipóteses, tentando, dialogando, buscando soluções e atingindo os objetivos. E, mesmo tendo um saldo positivo, os resultados são questionados a cada ano, mesmo que tudo tenha dado certo.

Sérgio: São Vicente era um homem muito prático. A educação libertadora foi a sua grande caminhada, entre dores e esperanças. Ela nasceu da prática, não foi imposta. Foi toda uma caminhada de reflexão para se chegar à educação libertadora, e para se desenvolver agora uma nova formulação da educação libertadora neste final de século. Aqui não se colocou nenhum projeto educativo de cima para baixo: “agora esse colégio vai ser da educação libertadora”. Não; aqui, a prática é que se impôs como uma forma de educação libertadora.

Patrícia Rubim: Eu não sei se o São Vicente é um colégio de vanguarda. Em princípio eu não gosto dessa palavra. É porque a vanguarda tem um compromisso talvez meio exposto... Prefiro falar sobre o que marca uma diferença no São Vicente. Rodo por muitos colégios, pela minha profissão – sou psicóloga de crianças e jovens. Constantemente estou nas escolas discutindo casos de alunos... E o que marca a diferença no São Vicente é que a gente faz ou não faz. Então, a gente está fazendo e refazendo,

é um exercício extremamente cansativo, e que as vezes dá até uma sensação de insegurança. Mas o maior testemunho que eu posso dar, além dos vinte anos trabalhados aqui, é que tive as minhas filhas aqui, da 1ª série do primeiro grau até o 3º ano. No percurso escolar delas, fui uma mãe que acompanhei muito, eu vejo que funciona. Como profissional, estou aqui porque acredito. Se achasse que não funciona, eu não estaria aqui. E como mãe, eu vejo que funciona. Eu acho que os meninos saem do colégio preparados para ser cidadãos, com a questão da solidariedade muito bem arrumadinha na cabeça, não é?

Cristina: Concordo com a Patrícia nessa visão de mãe e profissional da escola. Sinto o mesmo que ela sente em relação às filhas dela, que viveram uma época um pouquinho posterior à dos meus. Há dez anos minha filha saiu da escola, terminando aqui o 3º ano depois de fazer todo o seu percurso aqui também. É interessante o depoimento deles, quando chegam na universidade: “Pôxa, você estudou no São Vicente? Como eu gostaria de ter estudado lá!” Foi uma coisa que os meus filhos ouviram de muitos colegas da universidade. E tivemos depoimentos de pais de alunos nossos, que são professores nas universidades e que conseguem identificar aquele aluno que

foi do São Vicente, sem perguntar se ele foi realmente do São Vicente ou não. Somente pelo tipo de postura, pelo tipo de atitude que ele toma durante as aulas. Não são todos, é claro. A gente não pode dizer que isso aqui atinge os 100%. Mas atinge uma grande maioria. Isso é certo.



Solange: A grande diferença no São Vicente é que nós não encaramos o aluno simplesmente como um aluno para aprender o conteúdo. O grande pulo nosso, já que nós temos uma educação muito mais ampla, é percebermos que o nosso aluno está com estrutura básica para prosseguir seus estudos fora. Com embasamento muito grande, que nem todos dão valor. Identificam isso no resto da caminhada: posteriormente eles vão perceber isso, e realmente vão estar mais preparados para a vida como um todo, para as mudanças do futuro. Nós não estamos na “educação bancária”, mas não somos vanguarda sem base; nós temos o pé no chão. Damos nossos vãos, mas procurando sempre manter a lucidez, passo a passo, refletido no dia-a-dia, como Patrícia observou. Aprender é dolorido, para eles e para nós também. A equipe está em constante estudo, em constante aprendizado, em constante reflexão, caminhando com erros e acertos, buscando aprender com os erros e acertar depois. Daí vem essa transformação.

“Cabe aos educadores saber ouvir. Ter a coragem de refazer tudo o que se está aplicando naquele momento.

(Marlene)

Quando erramos, nós modificamos. É um constante aprendizado de todos os educadores vicentinos. Esse processo de transformação envolve tudo, não é só o aluno. Eles são co-participantes e a família também. O São Vicente tem o aluno, a família e os educadores da casa, todos caminhando juntos. O grupo em constante caminhada, em busca do que eu chamo nossa utopia. *Utopia vicentina*. Essa caminhada é constante.

Marlene: Muitas escolas valorizam o estável, aquilo que não muda, o que é tradicional, o que é história, o que é marca registrada do Colégio. Nós não temos essa preocupação. Temos os nossos valores, que permanecem, são imutáveis mas a gente tem que ter. O justo de hoje foi o justo de ontem, mas tem uma interpretação diferente, porque temos a coragem de transformar. Posso exemplificar: entrei aqui há 39 anos, num momento em que o uniforme era um grande valor: todos uniformizados em grande harmonia. A elite exigia isso, exigia-se um uniforme sofisticado, um terno para as situações de gala. Mas as coisas foram modificando e nós estamos sempre retratando e buscando a integração na sociedade. Eu acho que para isso precisa de coragem. E isso é caminhar para frente, para o alto.

Sérgio: Desculpem-me, mas tenho que dar uma saída, porque o Comitê Graúna está esperando. E o Comitê Graúna já é uma forma de participação da escola, do lado social.

Vanja: Antes de sair, fale um pouco sobre o Comitê Graúna...

Sérgio: A Coordenação Pastoral está assumindo agora o Comitê Graúna, que começou há cerca de oito anos, depois da vinda do Betinho aqui. Formou-se um Comitê ligado ao Projeto da Cidadania, para dedicar-se

à questão social, aos movimentos sociais, às campanhas e à conscientização dos alunos. Mas eu queria falar da **coragem**. A coragem do São Vicente de levar esse Projeto Educacional. Com toda uma igreja hierárquica e estável, com toda essa sociedade querendo que permaneça tudo como está, que não se mexa, o São Vicente sofreu muito nessa caminhada, mas foi de uma coragem muito grande e o Padre Almeida é a pessoa que está aí, simbolizando essa coragem de transformação. Eu tive um encontro com ele agora, preparando a celebração dos 40 anos do Colégio, e ele disse: “Eu não era a pessoa que queria fazer essa educação libertadora, eu não fui educado para isso. Mas o Espírito Santo me deu um soco tão grande, me mandou para cá, justo para onde ia se fazer a educação libertadora, e eu estou até a alma envolvido com tudo isso.” Ao ouvir essas palavras, fiquei muito emocionado. Por isso quero destacar a coragem de um sacerdote, a coragem de uma congregação, que é missionária por excelência, e mais a coragem de nós todos, educadores que entramos neste projeto de transformação.

Vanja: É possível citar alguns fatos concretos, que tenham sido marcantes para o trabalho que vocês desenvolvem no Colégio?

Marlene: No princípio nós tínhamos todas aquelas mazelas que as escolas tradicionais tinham. Então eu encontrei aqui uma escola com os alunos decorando as matérias, encontrei coisas que já tinham sido apagadas de outras escolas, como os castigos das frases repetitivas. Isso era incorporado pela sociedade como uma tônica geral. E o São Vicente, por causa da sua equipe de reflexão, conseguiu abolir esses mofos, essas mazelas. A gente foi se transformando em termos de vida prática.

Patrícia: A Marlene falou em marca registrada e agora em mazelas. Acho que o confortável e o desconfortável de trabalhar no São Vicente é que a gente tem inúmeros problemas. Isso parece um paradoxo, e é mesmo. Não somos a escola perfeita. Há muitas mazelas, um monte de conflitos. Talvez a nossa marca registrada seja que a gente não joga a sujeira pra bai-



“A intenção é progredir cada vez mais, sem perder a essência, a filosofia.”

(Liliane)

xo do tapete. Quando as mazelas aparecem, elas aparecem, são pontuadas. Mas a escola não seria especial se a clientela desta casa não fosse especial. Temos pais especiais. Os pais e os alunos apontam as nossas mazelas. E a gente não esconde as mazelas de baixo do tapete.

Cristina: A gente enfrenta os problemas de frente!

Patrícia: Aí é que está o paradoxo, porque às vezes os pais ficam inseguros com isso, não é? Alguns ficam muito seguros, pois o conflito vai ser tratado, enquanto outros ficam inseguros, porque a gente vem de uma formação e de uma educação que costuma pegar o conflito e botar dentro da gaveta. A gente vem dessa formação cultural e social.

Marlene: Mas a gente ainda sente falta de uma presença mais participativa dos pais na escola. Até porque agora se exige da mulher a participação no orçamento escolar, que o homem não consegue manter sozinho. Tenho certeza de que muitas mães gostariam de participar conosco, mas não têm esse tempo. Tempo-hora, tempo hábil. Não tempo-interesse. Interesse existe. E, quando a gente consegue trabalhar com eles, acho que fica mais fácil.

Solange: Eu acho que eles participam, dentro das limitações. Este é um colégio que constitui uma APM, e todos os anos nós nunca deixamos de ter pais participando nas reuniões. O mais importante é que eles participam até mesmo nisso: as mazelas





“Talvez a nossa marca registrada seja que a gente não joga a sujeira pra baixo do tapete.”

(Patricia)

acontecem mas sempre tem o testemunho de alguém que contrapõe. Nas próprias reuniões eu acho que, havendo diálogo, havendo participação, havendo abertura, eles participam positivamente, colocando observações profundas. A gama de pais é muito ampla: nós temos pedagogos, psicólogos, médicos, engenheiros... Essa clientela nossa está em mutação e nós estamos mudando também. Tivemos a época em que a clientela era basicamente da alta sociedade. Só os meninos e, no Sion, as meninas. Então era uma elite, mas isso foi mudando. Já em 69, quando nós começamos com a proposta de educação libertadora, isso foi mudando. O Brasil estava naquela repressão e isso aqui era uma ilha. Nós recebíamos pessoas de outros estados, que vieram para cá em busca de acolhida, fugindo de perseguição política. E mudamos, numa época em que muitos pais eram artistas, intelectuais, faziam parte de uma vanguarda, e nós ficamos muito expostos na mídia, como uma escola com uma educação libertadora, mas com liberdade excessiva. E agora, nós conseguimos retomar, acho que há uns... quantos anos, Cristina?

Cristina: Uns cinco, sete anos.

Solange: ...Nós estamos em mudança e os pais mudando também. Este ano fizemos uma sondagem, na época da matrícula, através de um questionário, para ter realmente um perfil da nossa clientela. Quais as expectativas que esses pais estão tendo. Isso quer dizer que nós estamos mu-

dando para o futuro sim, nós estamos preparando o futuro. Nós estamos percebendo que o pai está exigindo uma aptidão para o seu filho, condições de prosseguir os estudos dele. É preciso passar no vestibular, mas qual é o vestibular que nós vamos ter daqui a algum tempo? Então precisamos mudar.

Cristina: Inclusive a gente percebe claramente alguns momentos de conflitos, em que precisamos realmente dialogar mais com os meninos, com a turma toda, e que tem sempre um grupo de alunos que interfere positivamente em relação a outros que estão numa postura mais individualista e mais acomodada. Há sempre alguns alunos que já estão mais sensíveis, mais solidários, conscientes de sua condição de cidadão mesmo, de seus direitos e deveres, de como é que isso funciona. Como eu posso me portar como cidadão dentro de uma comunidade, se em muitas reuniões a orientação da coordenação é para que eu fique quieta, somente acompanhando? O próprio aluno, principalmente no ensino médio, área em que trabalho, ele próprio vai defender seus direitos junto ao seu colega e o direito da comunidade, acima de tudo.

Vanja: Cristina, como você vê as mudanças que estão acontecendo aqui, no ensino da Matemática, com ênfase para o raciocínio lógico, e todas essas questões da filosofia da escola?

Cristina: Essa mudança da matemática não é de hoje. Eu acho que é isso aí que a gente tem que procurar fazer, ou seja, estar acompanhando todas as evoluções do pensamento matemático e do pensamento reflexivo de um modo geral, e ver o que é bom para ser aplicado dentro do colégio São Vicente, que é um colégio de Zona Sul do Rio de Janeiro. Ainda tem esse detalhe, porque se o São Vicente não fosse um colégio de Zona Sul, nós poderíamos trabalhar os mesmos valores, as mesmas coisas em



“Em 1969, o Brasil estava naquela repressão e isso aqui era uma ilha.”

(Solange)

que acreditamos, mas precisaríamos trabalhar de uma outra forma.

Solange: E o aluno também estaria iluminado pela filosofia da escola.

Cristina: Sem dúvida, foi o que eu disse, a filosofia da escola não mudaria, se estivesse ele na Zona Sul ou em qualquer outro lugar. Mas a forma de atingir essa comunidade certamente teria que ter outros caminhos.

Patricia: Quando eu cheguei aqui, em 78, a gente tinha uma predominância de filhos de artistas, de intelectuais, professores universitários...

Cristina: E também não podemos esquecer que o Cosme Velho de 1999 é muito diferente do Cosme Velho de 78. Houve um boom. Isso também fez com que a nossa clientela de alguma forma fosse mudando. É um conjunto de fatores. Mas o nosso eixo está sendo mantido à luz da proposta filosófica da escola. Procurando atualizar e, como a Solange falou, que sociedade é essa hoje? Quando o nosso Grêmio, há alguns anos, reivindicou por determinadas concessões que naquele momento tiveram êxito, foram bem trabalhadas e absorvidas de uma forma positiva pela comunidade de alunos, hoje elas podem não ter mais sentido. Hoje você precisa trabalhar isso tudo de novo e dar uma nova condução a determinadas práticas do dia-a-dia com os alunos. Eles não vivenciaram o processo de dez anos atrás, eles têm que vivenciar o processo deles agora, para que possam lutar pelas causas do momento de hoje, e aí estarão sendo preparados para o futuro.

Marlene: Cabe aos educadores saber ouvir. Ter a sensibilidade para perceber o que está ocorrendo dentro da sua escola, com o seu colega. Ter a coragem de refazer tudo o que se está aplicando naquele momento. Isso, eu creio, é que faz o presente sempre atuante. Isso é que prepara o futuro.

Vanja: Como é o trabalho das coordenações no dia-a-dia da escola?

Patrícia: É uma grande brincadeira, que é muito séria. Essa pergunta me lembra a história de uma pessoa que veio fazer um estágio aqui no São Vicente... (nesse momento o Padre Almeida entra na sala de reuniões)... ah, o Padre Almeida é quem sabe contar esta história melhor do que eu.

Padre Almeida: Era um estágio de trinta horas em administração escolar. Então ele pediu para fazer um estágio de três dias, percorrendo a casa toda e fazendo perguntas a quem fosse. Durante três dias ele ficou de fio a pavio. Então no final ele disse: "É uma casa de loucos, isso aqui. Como é que se pode estudar ou aprender num lugar onde nunca há silêncio e onde todo mundo está em toda parte?" (Risos)

Patrícia: Pois é, então eu acho que essa fala ilustra o trabalho das coordenações, que realmente é uma loucura. Uma loucura no bom sentido, não é? Porque outra característica que marca o Colégio São Vicente é que a gente tem uma gestão muito descentralizada. A responsabilidade está sempre muito compartilhada. Cada um é responsável por aquilo que faz e todos nós somos responsáveis pelo que fazemos. Nesse sentido, é muito difícil mesmo. Uma pessoa que chega aqui deve ficar com a impressão de que a gente tem o dom da ubiquidade, para estar em dois lugares ao mesmo tempo. E as vezes até está. (Risos) Estamos atendendo pais de alunos, estamos atendendo meninos, estamos pensando, estamos refletindo, estamos lendo textos... então a coordenação daqui é realmente muito especial.



“O próprio aluno vai defender seus direitos junto ao seu colega e o direito da comunidade, acima de tudo.”

(Cristina Caldas)

Marlene: Eu vejo um grande valor nas coordenações. Esse valor se chama *flexibilidade*. Vejo também outro grande valor, a *disponibilidade*. Difícilmente uma mãe volta para casa sem um atendimento nosso. Quer dizer, existe uma agenda, uma coordenação, uma ordem, um planejamento, mas todos procuram estar disponíveis, a qualquer momento, a serviço da escola e do interesse comum. Eu vejo por parte das coordenações essa disponibilidade e flexibilidade nos horários. A gente veste a camisa do colégio e não quer que ninguém vá para casa sem ser respondido; isso é como uma obrigação da nossa parte.

Liliane: O trabalho da coordenação no dia-a-dia é muito dinâmico. Por mais que haja uma organização prévia, existem todas as situações que a gente tem que dar conta, com alunos, com pais, com professores, e isso é muito bom. É um trabalho que gratifica e engrandece, porque você passa a ter relação com outro, ouvir o outro, aprender com o outro. É uma troca, que não se estabelece num momento só. Ela acontece no dia-a-dia, em todo o processo educativo.

Vanja: A gente está chegando numa época muito difícil em todo o mundo, mas eu vejo o São Vicente fazendo quarenta anos e com um otimismo muito grande. Então, pra terminar nosso debate, eu peço a vocês uma palavrinha em relação ao futuro.

Marlene: Eu sinto a força da juventude nos quarenta anos do colégio. Sinto a bagagem de um grande guru, o São Vicente, que tem uma história para contar, que tem experiências para relatar. Que usa dessas experiências, dos seus erros e dos acertos como uma ação educativa, transformadora. Eu vejo uma comunhão do jovem com o sábio.

Patrícia: Eu não sei se a gente é otimista; mais do que otimistas, somos apaixonados. E o apaixonado é meio cego, não é? Então é um outro exercício que a gente tem que fazer no dia-a-dia: Será que eu estou ficando cega? Eu não posso me cegar. Preciso ter uma visão, uma luz que me ilumine, para eu poder ver mais adiante.

Solange: Amor e paixão. Somos apaixonados sim, uma paixão pura e com muito amor.

Entrevista feita por Vanja Freitas

Você saberia reconhecer as mãos que aparecem nas páginas desta matéria? Se souber, envie este cupom preenchido para a redação da Chama e concorra a dois rodízios na Churrascaria Marius. (sorteio dia 31/5/99)



Nome: _____

Turma: _____

Tel: _____

(Recorte este cupom ou faça uma cópia e entregue na Secretaria do Colégio até 28 de maio.)



30 de março de 1959.

Nascia o Colégio São Vicente de Paulo.

O MILAGRE DO COLÉGIO

Como na passagem bíblica da multiplicação de pães e peixes, uma verdadeira multiplicação de recursos, colaboradores, dedicação e boa vontade se deu para a fundação do colégio, que há quarenta anos vem alimentando a fome de saber e de conhecimento.

Era uma missão aparentemente simples: vender uma velha casa em Botafogo e construir uma nova sede para os padres vicentinos. Foi com essa incumbência que o Pe. Joaquim da Silveira Horta mudou-se em 1954 de São Paulo para o Rio de Janeiro, onde vive até hoje. Mas, a capacidade e o empenho daquele franzino mineiro de Diamantina deram à cidade muito mais, a exemplo de outras comunidades por onde já havia passado.

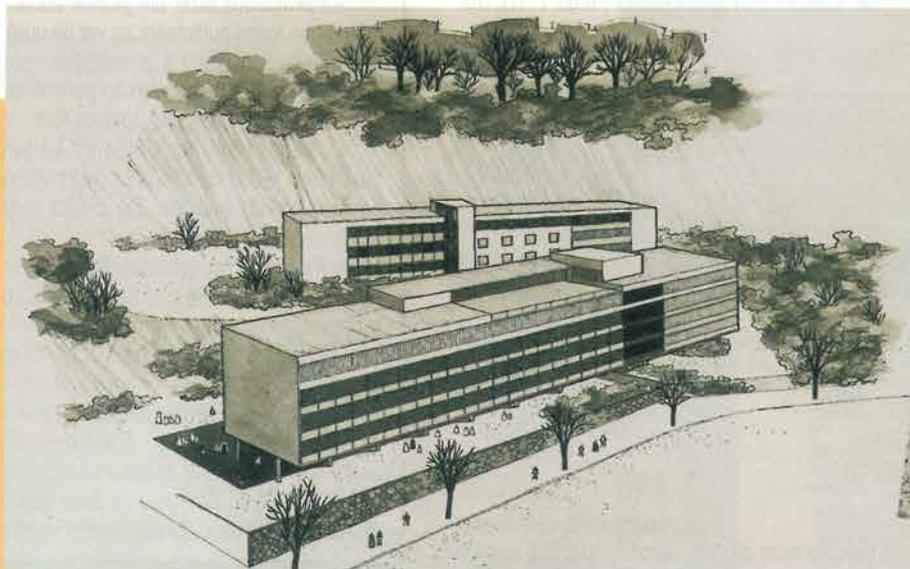
O plano inicial – que incluía ainda a construção de uma igreja para os lazaristas – deu lugar a um empreendimento de extraordinária ousadia, que nem Pe. Horta, nem seus superiores, planejaram executar. “São coisas que não se explicam”, ele costuma dizer.

Depois de vender a velha casa e percorrer por cinco meses todo o Rio de Janeiro em busca de um terreno para construir a nova sede e a igreja,

uma solicitação do Cardeal Dom Jaime Câmara, Pe. Horta encontrou um terreno no Cosme Velho, “quase abandonado, cheio de casa velhas, com cabeças-de-porco, onde moravam aproximadamente vinte famílias, um lugar que parecia impossível de ser posto em ordem, de se fazer alguma coisa”, ele descreve. Como já havia próximo ao terreno as igrejas de São Judas Tadeu e Cristo Redentor, Pe. Horta teve a idéia de construir ali, além da sede, um colégio.

Tradição de educadores

– A idéia partiu de minha convicção de que deveríamos retornar às nossas origens, à nossa tradição de educadores do Brasil, a exemplo do Caraça, e dos colégios de Petrópolis e de Curitiba. No começo, estranharam como nós, padres lazaristas, destinados a cuidar dos pobres, iríamos construir um colégio para ricos. E eu argumentei com a palavra do Evangelho: “Os pobres de espírito são mais necessitados do que os outros”. Os ri-



cos não têm tempo para educar seus filhos. Então, vamos cuidar da educação deles – lembra Pe. Horta.

Apresentada ao Conselho da Congregação, a proposta do colégio foi aprovada por unanimidade, mas havia um problema: verba. Sem os recursos necessários, mas cheio de entusiasmo e de esperança, Pe. Horta soube canalizar para sua obra as atenções

de quantos o admiravam e podiam ajudá-lo: de cidadãos anônimos a pessoas importantes, como o então presidente da República, Juscelino Kubitschek, seu contrterrâneo e ex-aluno de padres vicentinos. Todos, no entanto, tinham um ponto em comum: a identificação, a admiração e o respeito pela educação lazarista. Dessa forma, Pe. Horta fundou, em agosto de 1956, a Associação dos Ex-alunos Lazaristas, com o objetivo de somar esforços para a construção do colégio. O grupo era formado por Austregésilo de Athayde, Dom Hélder Câmara, Brigadeiro Eduardo Gomes e outros.

– No almoço de fundação da associação de ex-alunos, realizado no jornal O Globo, pedi ao presidente JK, que estava presente, uma verba de Cr\$ 20 milhões para o projeto. Disse a ele que se me garantisse esse dinheiro, eu imediatamente garantiria o colégio construído dentro de dois anos. Ele aceitou, mas entre a promessa e a concessão do empréstimo percorri um longo caminho – conta Pe. Horta.

Para erguer o colégio e colocá-lo em condições de funcionamento no

prazo estipulado, março de 1959, Pe. Horta contou ainda com colaborações de pais, que pagaram adiantado a matrícula de seus filhos, outros empréstimos e mais verba da Congregação.

A criação do Colégio foi aprovada com entusiasmo e esperança.

Só faltava um detalhe:

situações anormais, com muita dificuldade para obter a escritura definitiva. Para se aprovar a planta era necessário a escritura e eu não a tinha. Comecei o colégio sem planta aprovada, mas confiando no apoio que tinha do governo daquela época, o prefeito Negrão de Lima e seu secretário Reinaldo Reis. Certa vez, havia um grande policiamento na frente do colégio, embargando as obras. Fiquei alarmado. Imediatamente liguei para Reinaldo Reis. Ele tomou o telefone e deu ordens aos soldados para que se retirassem do colégio.

Vencidos todos os obstáculos, cuja exposição não caberia nestas páginas, Pe. Horta conseguiu concluir quase toda a obra. Nascia, então, a 30 de março de 1959, o Educandário São Vicente de Paulo, nome que perdurou até 1969. As aulas começaram sem que o colégio tivesse sido oficialmente inaugurado, fato que só ocorreu quatro meses depois.

Inicialmente, eram 350 alunos, em regime semi-interno (das 7h às 17h), dis-

tribuídos nas turmas de alfabetização, primário e admissão, que correspondia à 5ª série do curso primário, equivalente hoje à 5ª série do 1º grau.

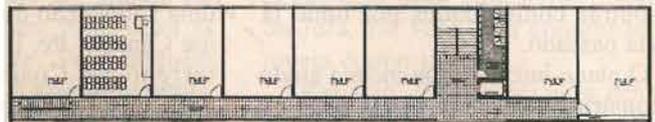
tribuídos nas turmas de alfabetização, primário e admissão, que correspondia à 5ª série do curso primário, equivalente hoje à 5ª série do 1º grau.

– Achei importante, no começo, fazer um colégio pequeno, no regime semi-interno, porque eu julgava que

Prédio moderno, ensino de vanguarda

Mesmo antes de existir, o CSVP dava mostras de sua posição de vanguarda. Projetado e construído por “jovens cheios de vontade, que estavam começando a vida”, nas palavras do Pe. Horta, o colégio era bastante moderno para a época. Havia várias inovações, desde o acabamento do piso (plástico, sem emendas, para facilitar a limpeza) até o quadro-negro, constituído por um vidro fosco sobre feltro verde, quando até então só existiam quadros pintados. A parede, também em acabamento plástico, garantia maior durabilidade e praticidade, dispensando a pintura.

– Projetamos o corredor para o lado da rua e fechamos parte da parede com



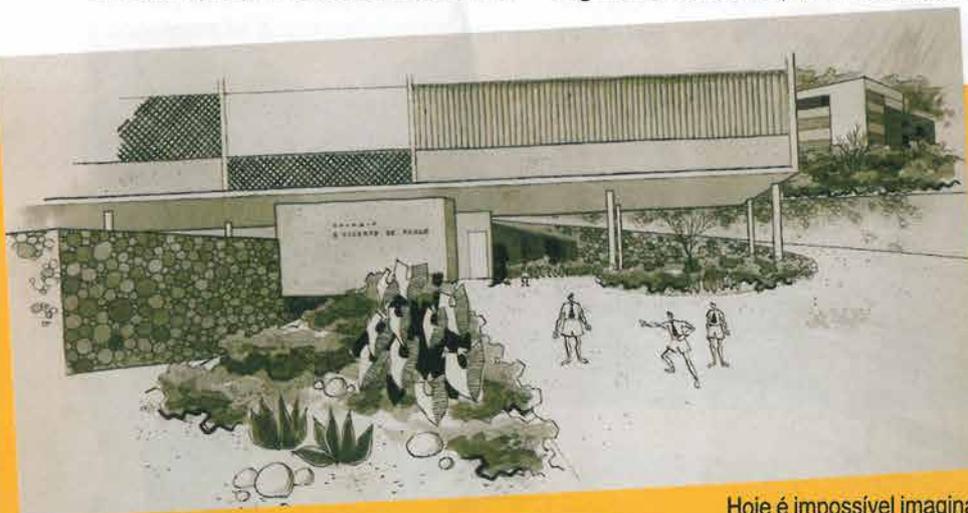
tijolinho, de forma a garantir a ventilação e filtrar um pouco o ruído. Em outra parte deixamos totalmente aberto, para que os alunos não se sentissem sufocados, completamente isolados da rua – explica o arquiteto responsável pelo projeto, Rolf Hüther.

Outra inovação que ele destaca é o refeitório, com ar refrigerado e música ambiente, e o auditório.

– Planejamos fazer um grande auditório em que todos pudessem se ver de qualquer ponto, facilitando a comunicação entre os alunos. Para isso, ele não poderia ter colunas. E assim foi feito – explica Rolf.

O construtor do Colégio, Mirton Saramago, então com 26 anos, fazia o seu primeiro grande trabalho. Ele creditsa todo o mérito ao Pe. Horta.

– Pe. Horta foi, sem dúvida, o grande executor da obra, não só pela captação de recursos, mas pelo modo entusiasmado com que administrou a construção. Com grande capacidade de comunicação, ele estava sempre presente, junto aos operários, acompanhando tudo. Era excepcionalmente dinâmico e empreendedor. Se não fosse ele, o Colégio não teria ficado pronto em tão pouco tempo – avalia Mirton.



Hoje é impossível imaginar um colégio sem muros, como no projeto original



Em almoço no jornal O Globo, em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek confirmou seu apoio à construção do Colégio



só assim poderíamos conhecer todos os alunos e estar em contato com eles o dia inteiro, inclusive no recreio e no refeitório, para dar a eles uma formação integral, como imaginava. Tínhamos um refeitório no porão, maior do que o que existe hoje, com ar refrigerado e música. Os alunos almoçavam com as professoras, que substituíam as mães de família, tomando conta de seus filhos à mesa, corrigindo seus defeitos, ensinando-os a se portar bem à mesa, a comer com educação. Nós, padres, também almoçávamos com eles, e estávamos sempre juntos no recreio, nas aulas, nos momentos de passeio – recorda Pe. Horta.

Além de Pe. Horta, na época diretor do colégio, outros padres dividiam com ele o desafio de administrar o colégio: Pe. Francisco Guerra, secretário; Pe. Armando Nogueira, tesoureiro; Pe. José Aurélio Neves, encarregado da Pastoral catequética; e Pe. Almeida, encarregado da disciplina. Esta última função, que parecia ser desnecessária, logo revelou-se indispensável.

– Era quase impossível conseguir

o mínimo de ordem e de silêncio. Todos ficávamos no recreio para obter alguma disciplina. A luta para conseguir que os meninos se sentassem era incrível. Eles *navegavam* por cima das carteiras, uma desordem absoluta. Eu era chamado de toda a parte e tinha que resolver todos os casos disciplinares. Não havia elevador. Eu subia correndo até o quarto andar, descia correndo...ficava exausto de correr – revela Pe. Almeida.

Quarenta anos depois, o cenário é outro. O colégio cresceu e se consolidou como um dos melhores do Rio de Janeiro. Dos 350 alunos iniciais, hoje o colégio tem aproximadamente 1.800. Passou a oferecer o curso ginasial (5ª a 8ª séries), já em 1960, e o científico (atual 2º grau), em 64. Mais tarde, em 1972, inicia-se o curso supletivo noturno destinado a jovens maiores de 14 anos que não tinham o antigo curso primário.

Alunos do curso Primário em uniforme de gala



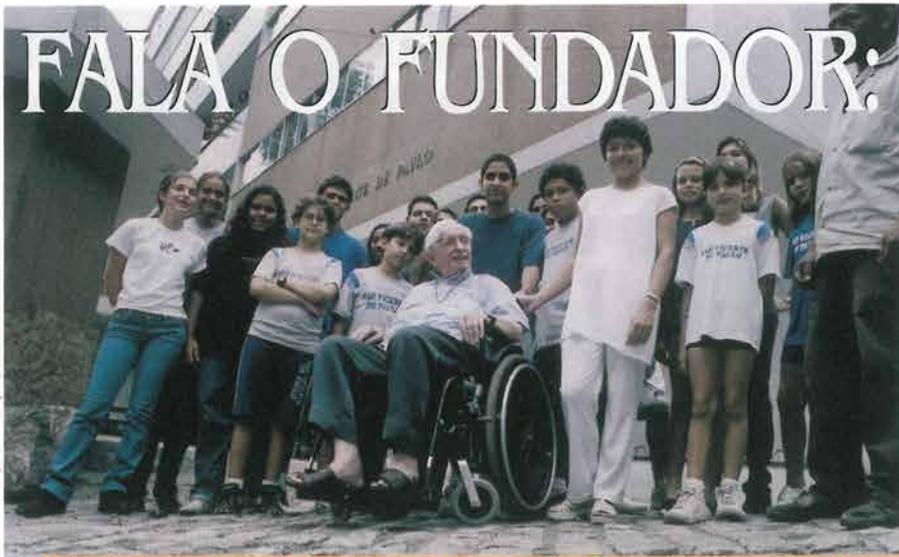
– Essa minha certeza em torno do colégio é uma coisa que não se explica. Corremos um grande risco. O colégio poderia ser fundado e afundado logo depois. Entretanto, Deus abençoou o nosso trabalho, a nossa boa vontade. O colégio cresceu, progrediu e está consolidado. São coisas que não se explicam – avalia Pe. Horta.

Ao voltar no tempo, a 18 de julho de 1959, data da inauguração oficial do então Educandário São Vicente de Paulo, vale a pena recordar as palavras do saudoso Pe. Francisco Godinho, em seu discurso de inauguração:

“Fácil é erguer um edifício de pedra, mas difícil é infundir na obra o espírito de uma verdadeira comunidade educativa.”

Fácil ou difícil, o fato é que todos os que passaram pelo colégio deram conta de fazer dessa aspiração uma realidade.

FALA O FUNDADOR:



Cercado de alunos e funcionários, Pe. Horta, 91 anos, fala à reportagem da **Chama**

*Deixo ao 'O Arauto' uma homenagem muito cordial
Juscelino Kubitschek
Rio 7-6-59*

Na edição inaugural do primeiro jornal do CSVP, o presidente da República, Juscelino Kubitschek, escreveu, de próprio punho: "Deixo ao 'O Arauto' uma homenagem muito cordial." O nome "O Arauto" foi sugerido por Austregésilo de Ataíde

São Vicente dizia que quando a gente não sabe a origem de uma coisa é porque Deus é que está regendo. Mas aí está: quarenta anos não é? No começo parecia uma porção de doidos... Construir foi fácil, difícil foi conseguir o Colégio.

Teve um dia em que trezentos e cinquenta alunos invadiram o Colégio, vindos de todos os colégios do Rio de Janeiro. Eu fiquei assombrado, levei eles lá pra cima e fiz uma missa pra acalmar os espíritos, uma missa lá na

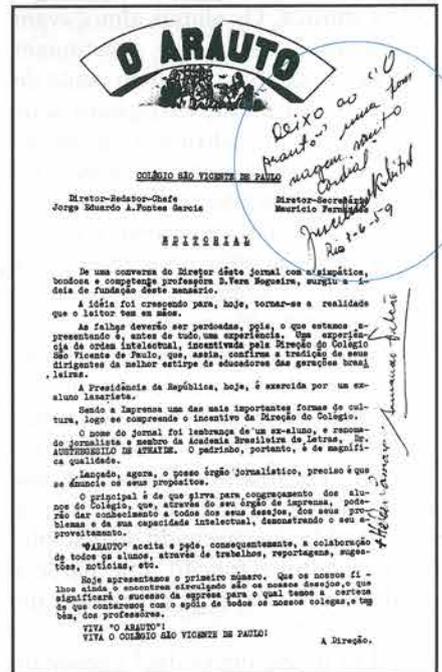
capela. E assim começou o nosso Colégio: nasceu do desejo de contribuir para formar a nova geração da sociedade. Hoje, vários ex-alunos participam da vida do país.

Atualmente, gosto de ver televisão e gosto de ler. O dia inteiro eu leio. Leio tudo que é bom, tudo que é novidade eu gosto de ler, de aprender. Leio os jornais todos os dias, preciso saber o que se passa no mundo. Gosto de estar a par dos acontecimentos e do desenvolvi-

mento. Se não ler eu fico isolado da sociedade.

Gosto de ouvir canto gregoriano. Na televisão eu gosto mesmo é de ver o noticiário. Admiro as coisas que estão acontecendo no mundo e entrego pra Deus, Nosso Senhor, que é o autor de tudo isso e pode governar o país.

A mensagem que eu dou para os jovens hoje é que aproveitem o seu tempo, suas responsabilidades de hoje, porque deles depende o futuro do país.



Teatro infantil - 1961



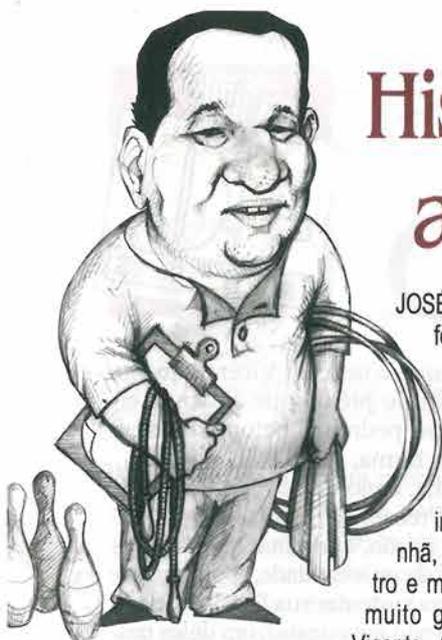
Reflorestamento do morro do Colégio - 1977

Primeira formatura do curso Primário - 1962



Atividades no pátio - 1962

Histórias de quem ajudou a construir a escola...



JOSÉ EUGÊNIO: – Olhe, eu comecei em fevereiro de 1959, fui contratado pelo Padre Horta e fiquei aqui recebendo os móveis que estavam chegando. Quando começaram as aulas eu fiquei como inspetor dos alunos, mas aqui era semi-internato, tinha o lanche pela manhã, tinha o almoço e quando era quatro e meia eles iam embora. Sempre foi muito gostoso trabalhar aqui no São Vicente. A gente fazia de tudo aqui, eu fi-

quei na parte dos alunos que eram matriculados e ficava como inspetor durante as provas, que eram feitas no refeitório da casa central. Eu ficava lá tomando conta dos alunos, depois eu recolhia as provas e entregava para a coordenação.

PAU FERRO: – Bom, eu quero explicar que esse apelido de Pau Ferro é porque eu morava em um lugar com esse nome, aí a turma me deu esse apelido, mas meu nome é Gerson Vicente. No começo foi muito duro, porque eram poucos trabalhadores e tinha muito trabalho: eram dois almoços, dois lanches, tinha que socorrer um, socorrer outro, cortar legumes, botava a mesa e o trabalho era grande, muito grande. Depois que a cozinha fechou, aí maneirou.

O QUE VOCÊ FAZ ATUALMENTE?

PAU FERRO: – Agora eu fico no portão, vejo a mercadoria da cantina, boto café no fogo e fico tapeando por aí. Eu estou aqui há 42 anos

e acompanhei a obra todinha. Trabalhava na pá e no carrinho, virando concreto.

JOSÉ EUGÊNIO: – Dou aula de Educação Física. Comecei aqui como inspetor de aluno, depois Padre Almeida, com a Alice, que era uma coordenadora, me entusiasmaram para eu fazer um curso, que eu fiz no Forte da Urca. Isso foi durante a ditadura militar, e era um grupo de trinta adultos fazendo esse curso. Tinha freiras, tinha pessoas de vários colégios particulares, e esse curso de Educação Física dava direito a dar aula até a quarta série. Até agora nenhum aluno reclamou, graças a Deus. As crianças gostam de mim.



UMA MENSAGEM PARA OS JOVENS:

PAU FERRO: – Com a Força Divina e a boa vontade dos padres, que eles são muito bacanas, os jovens que não vivam na ilusão. Com a Fé de Deus que é o pai verdadeiro, essas crianças só podem melhorar se todos se unirem pra ajudar.

JOSÉ EUGÊNIO: – A mensagem que eu dou para os jovens é pra que sigam o exemplo dos que já passaram por aqui, já se formaram e estão muito bem. E que eles procurem melhorar e seguir a filosofia de São Vicente, que é uma filosofia tão bonita de uma política verdadeira e honesta.



No mirante Dona Marta, o primeiro passeio - 1959

Comemoração dos aprovados no vestibular - 1976



Concluintes do 2º Grau - 1975



TRAJETÓRIA DE LIBERTAÇÃO



PROF. MARÇAL VERSIANI

Cheguei ao CSVP sem saber em absoluto como lidar com a clientela que o colégio recrutara — num meio urbano cosmopolita, avesso a tradições e em famílias onde, presumo, predominava, salvo raras exceções, a indiferença religiosa. Famílias em que a referência a um colégio católico seria reminiscência de um período limitado da vida pessoal; rico, mas definitivamente encerrado.

O próprio colégio não dispunha de uma filosofia pedagógica própria, o que significava que ele se pautava pela linha da educação católica na Europa desde a Reforma: formar a juventude, no pressuposto de se ter perdido o controle sobre a geração adulta. Nesses termos, portanto, o CSVP estava fadado a ser um colégio conservador.

Mas o colégio era também contemporâneo de um Brasil em profundas transformações, inaugurado que foi ao fim do governo Juscelino Kubitschek e quando começava o tipo de mobilização sobre a qual quisera se assentar a república populista de João Goulart. E assim tinha que se recusar a ser um gueto e manifestar suas opções. Quais? Dependeria de como assimilava as mudanças.

Menos de um mês depois que eu chegara ao colégio, os militares tomaram o poder. Sem cuidar muito de quem estava me ouvindo, disse que, ao rasgar a Constituição, eles nos empurravam inexoravelmente para a ditadura. Na primeira reunião de pais, depois do 31 de março de 1964, dava para perceber a adesão generalizada ao autoritarismo político; e que se queria obter a mesma atitude na formação ministrada pelo colégio. Nela, para pasmo meu, vi um pai pedir a cabeça do Jair Barros, professor de História em nível equivalente ao das atuais 5ª e 6ª séries. Não se punha em discussão sua qualificação; era censurado por ensinar aos alunos **como pensar**; e não o **que pensar**.

Essa resistência ao autoritarismo e à pedagogia que este avalizava é, a

meu ver, a mais profunda e remota razão de se considerar o CSVP uma escola de vanguarda; e, sem contradição direta, uma escola liberal.

O contrapeso ao autoritarismo viria do rumo comunitário que o colégio foi tomando, deixando de ser um típico colégio de padres a empregar professores leigos como funcionários. Começaram a ter outro sentido os conselhos de classe, porta aberta para a participação ativa e para o surgimento de lideranças entre os professores, qualificando-os para papéis maiores na partilha das responsabilidades. Esse modelo comunitário tinha, evidentemente, suas limitações e contradições. Ba-

*A resistência
ao autoritarismo
é a mais profunda
e remota razão
de se considerar
o CSVP uma escola
de vanguarda.*

tia de frente com as relações de trabalho que obrigatoriamente a instituição-colégio deveria criar e firmar, sob um sistema capitalista.

Por não ter encontrado como administrar suas próprias contradições, o CSVP sofreu a crise do final de 1983 (não sei se hoje já o encontrou; ou se esse discernimento terá que ser feito sempre, no dia-a-dia).

De qualquer maneira, o colégio deve sua qualificação acadêmica ao caráter comunitário de que se revestiu seu corpo de professores, funcionários administrativos e empregados. Os resultados são garantidos, quando todos vestem a camisa do CSVP. Uma camisa que impregna, à vista de tantos, que vêem o colégio como uma parte de si: lá em baixo se encontrará o sábio iletrado Pau Ferro, batizado como

Gerson, que é tão São Vicente quanto as colunas do prédio que ajudou a erguer como pedreiro, betoneiro, cozinheiro da turma, sei lá mais o quê.

Um dia, creio que em dezembro de 1965, eu recebi um nordestino recém-saído da prisão, aposentado compulsoriamente da universidade, à procura de meios para sustentar sua família (de seis filhos, se não me engano; um deles nascido quando o pai ainda estava na prisão). Confesso que só em parte poderia então avaliar seu drama, tão diferentes eram nossos caminhos. Mas me bastava o horror a essa forma de assassinato que é a demissão, por razões meramente políticas, de uma cadeira que se conquistou por mérito. Meu interlocutor ausente, Moacyr de Góes, abriu o caminho para que no São Vicente viessem a se abrigar alguns proscritos do regime militar. E isso se constituiu num fato pedagógico concreto, determinante para o futuro da escola.

Outro fato pedagógico foi a admissão de meninas no colégio. Impressionante como até então, nos colégios católicos, prevalecia o *apartheid* sexual. Em ruptura com a educação ministrada nas famílias. Não havia norma alguma, de valor universal, que o prescrevesse. Mas os tradicionalistas, freqüentemente sabujos, gostam de se mostrar mais realistas que o rei. E o CSVP teve que enfrentar uma barreira contrária, interna e externa, antes de ver firmada sua posição. Depois dele, não há praticamente colégio de freiras ou de padres que não seja misto. Nem se ouve quem os critique.

Um fato, ou mais que um fato, uma série longa de fatos, foi a leitura "pessoal" que a comunidade do SV fez dos documentos do Vaticano II; e, posteriormente, dos encontros do episcopado latino-americano em Medellín e Puebla. Aí o SV começou a escrever sua história, à revelia da "história oficial" a que se pretende condicionar a comunidade cristã, o Povo de Deus.

Qual será, nos próximos anos, o porvir dessa história, não sei. Nem me preocupa muito, se ela mantiver, como espero, seu horizonte, o da completa libertação humana.

Você estará lembrado...



Pe. José Pires de Almeida, diretor do CSVP

24/10/98 – Muito bem preparada, realizou-se a 2ª parte da **reunião de professores**, conduzida pelo Prof. Artur Motta, assessor pedagógico e membro da Coordenação Acadêmica. – A tarde se alegrou com o almoço de confraternização pela “**Festa do Mestre**”, com brindes para cada um (professores e funcionários) e alguns sorteios de prendas. Ponto alto foi o comparecimento, em cadeira de rodas, do Pe. Joaquim Silveira Horta, fundador e 1º diretor da Casa. Lamentada e justificada a ausência de duas grandes figuras: Marçal Versiani dos Anjos e Wilka Maria Brito Pascoal, esta, aniversariante.

27/10 – Convidados a cantar na inauguração da sala Alirio Cavallieri, nossos pequenos cantores, comandados pela regente professora Norma e pela



coordenadora Nina Maria, exibiram-se em boa forma no edifício da Vara de Infância, na Praça Onze.

06/11 – Animada **festa folclórica do Supletivo** mostrou a criatividade e a generosidade dos promotores, alunos e mestres. Parabéns.

07/11 – À tarde, 1ª turma de 1ª **Eucaristia** (turmas 51 e 52). Experimentalmente, no ginásio coberto.

08/11 – 2ª turma da 1ª **Eucaristia** (turmas 53 e 54). Menor afluxo que ontem. Calor acentuado, mas supor-

tável, num tempo em que vem predominando o frio ou, pelo menos, uma temperatura agradável. Isso, em pleno mês de novembro. *Mirabile dictu!*

13/11 – O **Coral S.V.P.** (corais reunidos) exibe-se em grande forma. Hoje, segundo dia. Delicada homenagem foi prestada ao diretor da Casa.

14/11 – **Feira de Ciências do 1º Grau**, contando como dia letivo. Belo esforço dos coordenadores, professores e alunos.

16/11 – À noite, **encerramento do 3º ano** com missa às 19h seguida da “solenidade de formatura” à moda deles: muita gritaria, muita espontaneidade, excesso de discursos. Quando se desceu do ginásio de esportes (onde toda a cerimônia fora realizada) para o pátio interno, já eram 23h30min. Muito tarde para bolo e refrigerantes! Características: emoção e lágrimas.

17/11 – Cerimônia de **encerramento da 8ª série**, seguindo, de perto, o esquema do dia anterior, mas evitando o excesso de tempo. Característica: alegria... Como tudo terminou cedo (21h30min), o bolo ficou pequeno!

21/11 – À tarde, **Conselho de Classe** do 3º ano do 2º grau. Bastante bons os resultados. Poucos alunos ameaçados de naufrágio na praia.

23/11 – Tempo de **provas**. Calma aparente. Não fora tanta coisa a refletir e decidir para o próximo ano, até que se conseguiria bom descanso nesta época!



30/11 – O Pe. Almeida recebe os **representantes de turmas** das séries 3ª e 4ª, conferindo-lhes um diploma alusivo à função que exerceram em benefício de suas respectivas classes. Parabéns!

01/12 – Grande novidade através de gente pequena: alunos da 1ª série fundamental, sob o comando da professora de canto Ilana Assbu Linhales Rangel, apresentam o fruto da própria criatividade poético-musical, de modo seguro, ordenado e realmente artístico, considerando-se a idade cronológica dos músicos. Parabéns, Ilana!

04/12 – No auditório, os alunos da 2ª série fundamental nos brindaram com o espetáculo “**Década de 60**” muito bem elaborado e apresentado. Parabéns aos mestres e a quantos in-



fluíram! Parabéns ao pequeno apresentador Luiz Ricardo Assunção Polydoro Júnior, que brilhou pela maturidade, propriedade e humor. Promete!

05/12 – Sabadão

Vicentino, reunindo, desta vez, crianças de uma creche de Nova Iguaçu, cuja diretora veio juntamente. Carinhosamente preparada, a recepção constou não só de comensais e bebês,



mas de belos pacotes de presentes oferecidos pelos professores e funcionários da casa, sob sugestão da professora Edna, organizadora da atividade. Edna é catequista da 4ª série – responsável pelo encontro – e estimuladora do gesto concreto de imitação de São Vicente, cuja festa foi a ocasião deflagradora. Parabéns!

08/12 – Grande Conselho, na Casa Central, terminando com almoço para todos: 23 pessoas.

– Neste dois dias, 7 e 8, o **teatrinho infantil** se exibiu em grande forma com duas peças, aplaudidas e bisadas. Mais uma vez parabéns, professor Lauro Basile.

15/12 – Com o Pe. Almeida e o Professor Artur, reuniram-se ontem à noite seis casais de pais de alunos, especialmente convidados para se candidatarem a componentes da próxima **diretoria da APM**, estando marcadas e convocadas as eleições para os dias 17, 18 e 19 – durante as matrículas – para isso decretados Assembléia permanente da mesma Associação. Todos muitos simpáticos. Formou-se uma chapa com os casais Faulhaber (Maria Cristina e Jorge Eduardo, sendo ele ex-aluno fundador), Lioi (Osvaldo e Carla), respectivamente presidente e vice-presidente, e Speroni (Luciana e Clóvis) diretor de Relações Públicas, ficando de completar a diretoria com secretários e tesoureiros.

– Às 15h, no subsolo, Missa de Encerramento de Ano e Natal das Voluntárias da Caridade.

17/12 – Chegou a revista **A CHAMA**, tinindo de quente. Belíssima impressão, pomposo conteúdo, com as páginas internas, todas em papel couché, ilustradas de fotos coloridas.

Bom término de mandato da APM em curso.

18/12 – Iniciadas as **eleições da APM**, juntamente com as matrículas dos alunos. Apareceu hoje nova chapa encabeçada pelo Sr. Sylvio Porto, pai de aluno novo da 6ª série. Com o nome de “Chapa Participação” e tendo como candidato a vice-presidente a Sra. Mirelle Giongo e candidata a diretora de Relações Públicas a Sra. Valéria Veras, a proposta, dita chapa 2, tem bela plataforma explicitando o compromisso de participação.

– Às 18h, deu-se início ao **Natal Comunitário**, com excelente celebração (Auto de Natal) seguida de buffet com música ao vivo e enorme participação. Muitos sorteios de valiosos presentes.

1999

01/02 – **Reinício das atividades**, com grande sobra de obras a serem realizadas. Uma delas é a cantina, totalmente reconstruída; outra, a passagem através da escada e plano, comunicando diretamente do recreio com a ladeira. O futuro dirá se terá valido a pena tanto sacrifício de tempo, espaço e dinheiro.

– Hoje, todo o 1º grau, isto é, todos do Ensino Fundamental deverão estar presentes. A novidade é a troca de horários: 8ª série de manhã e 5ª série à tarde. Também serão novidade para

os alunos alguns professores recém contratados.

– O **Laboratório de Informática** está concentrado no andar de cima do Anexo Pe. Horta. Em baixo, voltará a funcionar o **Grêmio** com a sala do Joca e outras atividades.

03/02 – O 3º ano do 2º grau, que já vem tendo aulas regulares desde ontem terá a partir de hoje, uma complementação a partir das 18:30h, cada quarta-feira. Bom proveito!

– À noite, reunião da nova diretoria da APM em casa do Casal Presidente, Maria Cristina e Jorge Eduardo Faulhaber. Compareceram os membros eleitos e designados à exceção dos dois casais designados como secretários. Em lugar deles, o presidente convocou seu primo Henrique Faulhaber, também pai de aluno que compareceu com a companheira, Cecília que é uma das diretoras da Escola Sá Pereira. Compareceram, ainda, os Pp. Maurício e Almeida e o casal Maria Cristina e Paulo Goes Monteiro, na qualidade de representantes dos professores. Como convidado especial esteve presente o Dr. Sérgio Abla, ex-presidente da gestão 93/94 para informar sobre a parte oficial burocrática, já que a APM tem personalidade jurídica.

06/02 – A **semana pedagógica** chega hoje a seu clímax com a reunião do todo o professorado e funcionalismo. Palavra do diretor seguida de exposição (vídeo) sobre a C.F. de 1999 e depois, em grupos, levantamento das sugestões a serem oferecidas para o Projeto Pedagógico em elaboração. Ao meio-dia, confraternização no ginásio coberto. Gente para valer!

07/02 – Prosseguem, em ritmo intenso, as obras da casa: cantina, provisoriamente inaugurada; modificações nos sanitários do térreo e, sobretudo,



06/01 – Primeira reunião da nova diretoria da APM com membros da diretoria anterior

a instalação do imenso transformador da Light que dará mão-de-obra para mais duas semanas. A nova carga que deverá movimentar a aparelhagem do ar condicionado central. Aleluia!

08/02 – Hoje, também a 1ª e 2ª séries do Curso Médio iniciam as aulas. Portanto, carga total de alunos assim distribuídos.

11/02 – Reúne-se o **Conselho Pedagógico** pela primeira vez em 99. Após a prece dirigida pelo professor Sérgio Maia, coordenador da Pastoral, o Pe. Almeida apresentou a nova coordenadora Liliane, de 3ª e 4ª séries, ficando a Nina com a 5ª e 6ª séries à tarde.

12/02 – Os coordenadores e professores presentes na casa prestam homenagem ao **Pe. Geraldo Humberto Venuto da Silva** que, no dia 19, sexta-feira de cinzas, deve embarcar para Paris, onde frequentará o C.I.F. Boa viagem e bom proveito!

22/02 – Retorno das “férias de carnaval”. Ambiente calmo e frequência, agora, completa. São 388 os alunos do Ensino Médio e 989 os do Fundamental, perfazendo o total de 1377, dois a menos que no ano passado, quando iniciamos (ou terminamos?) com 1379. O Curso Supletivo consta 370 alunos em 11 turmas.

27/02 – Turmas da 1ª Série Fundamental a postos para a 1ª **excursão** do ano: Vale do Ipê. Bom proveito para elas e bom trabalho para as professoras...

– Alunos do 3º ano provocaram **incidente disciplinar** ao serem impedidos de entrar em sala de aula vestidos de pijamas e pantufas. Grande discussão com a coordenadora de disciplina, Rosana Perez. Acabam perdendo pelo menos o 1º tempo de aula.

08/03 – Grande dia para o Colégio, por já termos em funcionamento o **ar condicionado central**. Que viva pelo menos tanto quanto os aparelhos que o procederam, desde 1974. Os percalços não foram poucos, mas parece que, tudo resolvido, poderá ser inaugurado solenemente, junto com as demais obras realizadas na casa, sobretudo auditório, cantina, pátio, salas de aulas e

alguns serviços do térreo, como instalações sanitárias e enfermaria.

– Foi apresentada aos professores e tomou posse como nossa **bibliotecária** a Sra. Teresa Guedes. Votos de rápida adaptação e excelente trabalho!

11/03 – Ao Conselho Pedagógico comparece a recém-eleita **diretoria do Greco**: Mônica e Joana (3º ano), Marcelo (2º), Maíra Lioi e Natália (1º). Em nome da Comunidade, o Pe. Almeida congratula-se com eles desejando-lhes próspera gestão e recomendando-lhes três coisas: a) conhecer bem o Estatuto do Grêmio e se conformarem a eles; caso defasados, promover a atualização segundo os trâmites normais com o veredito da Assembléia Geral; b) manter as atas em dia, para que conste memória da administração da diretoria; c) muita consciência no uso do dinheiro da comunidade.

– Ficou acertado o grupo-núcleo que começará a trabalhar a grande questão da **avaliação** dos professores e funcionários: Artur, Nina, Sérgio Maia, Patrícia e Liliane. No fundo, trata-se de encontrar critérios claros de auto-avaliação.

24/03 – Ainda em curso as **reuniões de pais**, quase todas decorrendo com calma e reflexão. A exceção ficou por conta da 7ª série, tempestuosa. Remédio: reunião por turmas? Parece que se caminha nesta direção com relação a esta série.

29/03 – O Colégio amanhece decorado com ampliações de fotos antigas, muitas da construção e primeiros dias desta escola que, amanhã, completará 40 anos de funcionamento.

30/03 – Nesta data, ocorreu a 1ª etapa das comemorações dos 40 anos, “Edu-

cando para a Transformação Social”, que os outdoors já vinham anunciando em vários pontos da cidade. Com as celebrações (enquanto possível, a cada mês) se buscará aprofundar a consciência de toda a comunidade escolar para a renovação do projeto pedagógico de acordo com a LDB, a ser finalizada até outubro próximo.

– Durante o dia houve expediente especial com jogos amistosos de equipes nossas contra as de colégios amigos. A Banda Sinfônica do CSVP de Niterói animou o pátio entre 11 e 13 horas. Nossos agradecimentos a todos.

– À noite, grande **celebração eucarística** presidida por Dom Felippo Santoro, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, estando também representado o Cardeal Arcebispo Dom Eugênio de Araújo Sales. Presente também o Pe. Horta, fundador da casa. No final da celebração, após a fala do Visitador, houve homenagens a cinco funcionários “quarentões”, isto é, perseverantes na casa desde o início: Maria Emília Martins Alves (cozinha), José Eugênio Macedo (educação física), Darci Moreno (carpintaria e manutenção), Gérson Vicente Alves (serviços gerais) e Antônio Soares de Oliveira (motorista).

– Como esta reunião era válida como **Assembléia Geral da Associação de Pais e Mestres**, apresentou-se a nova diretoria, tomando a palavra o presidente, ex-aluno fundador, que prestou carinhosa homenagem ao Pe. Horta e saudou todos os sócios presentes.

– Tomou posse a **nova diretoria do Greco** (Grêmio do Ensino Médio, antigo Colegial).

– Por fim, o **coquetel de confraternização e o bolo dos 40 anos**, no pátio.



O novo presidente da APM, Jorge Faulhaber, e a ex-aluna Renata de Faria Pereira, uma das primeiras alunas do CSVP, cumprimentam o Pe. Horta.



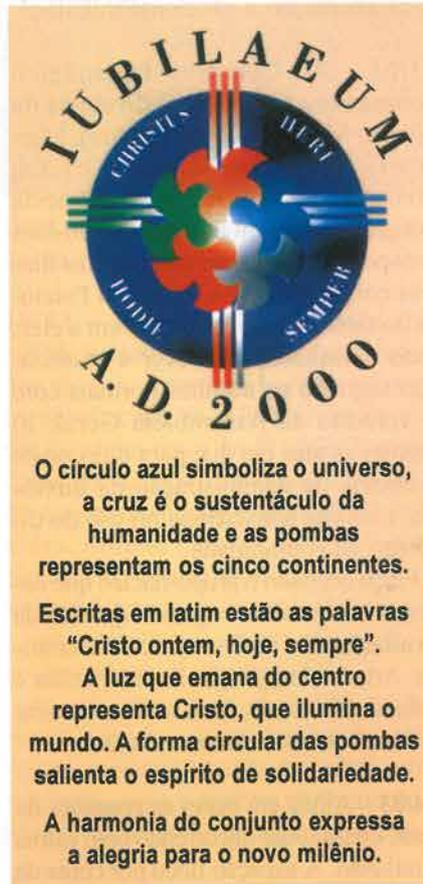
Grande Jubileu do ano

Assim caminha
a Humanidade...
rumo ao
terceiro milênio
da Era Cristã

PROF. SÉRGIO MAIA

A comemoração dos dois mil anos do nascimento do Filho de Deus motiva a celebração de um jubileu todo especial. Afinal, após 20 séculos, o Cristianismo necessita de um profundo exame de consciência: o que foi feito com a pessoa e a mensagem de Jesus? Até que ponto o anúncio do mandamento do amor tocou as pessoas e as culturas, realizou transformações sociais, políticas e econômicas? Em que momentos da história seu compromisso com o mundo falhou?

"A Igreja não pode ultrapassar o umbral do novo milênio sem animar



O círculo azul simboliza o universo, a cruz é o sustentáculo da humanidade e as pombas representam os cinco continentes.

Escritas em latim estão as palavras "Cristo ontem, hoje, sempre".

A luz que emana do centro representa Cristo, que ilumina o mundo. A forma circular das pombas salienta o espírito de solidariedade.

A harmonia do conjunto expressa a alegria para o novo milênio.

seus filhos a purificar-se, no arrependimento de erros, infidelidades, incoerências e lentidões. Reconhecer os fracassos de ontem é um ato de lealdade e de coragem que nos ajudará a reforçar nossa fé", recomenda o Pe. Georges Cottier, presidente da Comissão Teológico-histórica do Comitê Central do Grande Jubileu.

Revisão histórica

O Papa João Paulo II sugeriu uma revisão da história do Cristianismo neste final de milênio para que se estudassem profundamente certos problemas que obscureceram essa história: a Inquisição; as cruzadas; o colonialismo; as decisões da Igreja; as incompreensões entre fé e ciência, como no caso de Galileu; e outras questões.

Em sua mensagem *Incarnationis Mysterium* ("Mistério da Encarnação"), de novembro de 98, o Papa define oficialmente os principais detalhes da celebração cristã do Jubileu do ano 2000. A começar pelas datas: o Ano Santo tem início na

OS JUBILEUS ATRAVÉS

No ano 2.000, os cristãos
vão refletir sobre
seu papel no terceiro milênio

Tal como no fim do primeiro milênio da era cristã, estão aparecendo, aqui e acolá, grupos fanáticos que, alegando revelações fatalistas, espalham insegurança e terrorismo dentro de comunidades pouco esclarecidas.

Bem outro é o comportamento do Papa João Paulo II que, apesar de envelhecido e enfermo, respira esperança de um mundo novo, onde prevaleça a civilização do amor. A Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* ("Aproximando-se o Terceiro Milênio"), com que anunciou o Grande Jubileu do Ano 2000, é o maior testemunho do seu empenho em introduzir a Igreja e, enquanto possível, a própria Humanidade nesta nova etapa do calendário gregoriano, o terceiro milênio da era cristã.

Pela amplitude da preparação, como pela complexidade da organização, já em curso na Cidade Eterna, este próximo

Ano Santo será o mais importante entre todos os ocorridos na igreja e que somam 25.

Fragmentos de História

Tudo começou em Roma, a 25 de dezembro de 1299. Iniciava-se o 1.300º ano da Era Cristã, pois os anos se contavam, então, a partir do Natal, em vez do 1º de janeiro. De repente, grande multidão se achou reunida na Basílica de S. Pedro, no Vaticano. Espalhara-se a notícia: "quem a visitasse, daquele dia até o 1º de janeiro, obteria o perdão de todos os pecados".

Tanto a Cúria Romana quanto o próprio Papa, Bonifácio VIII (1294-1303), se surpreenderam com tal movimento popular, cuja iniciativa não se tornou clara nem após escrupulosa pesquisa, deixando preocupadas as supremas autoridades, tanto mais que, nos dias seguintes, a multidão continuava a crescer. Recorda Dante Alighieri que foi necessário controlar o trânsito – de pedestres! – sobre a ponte do Castelo Sant'Angelo, a única de então, organizando filas de ida e vinda.

2000

noite de Natal de 1999 e vai até o dia 6 de janeiro de 2001, festa da Apresentação do Senhor.

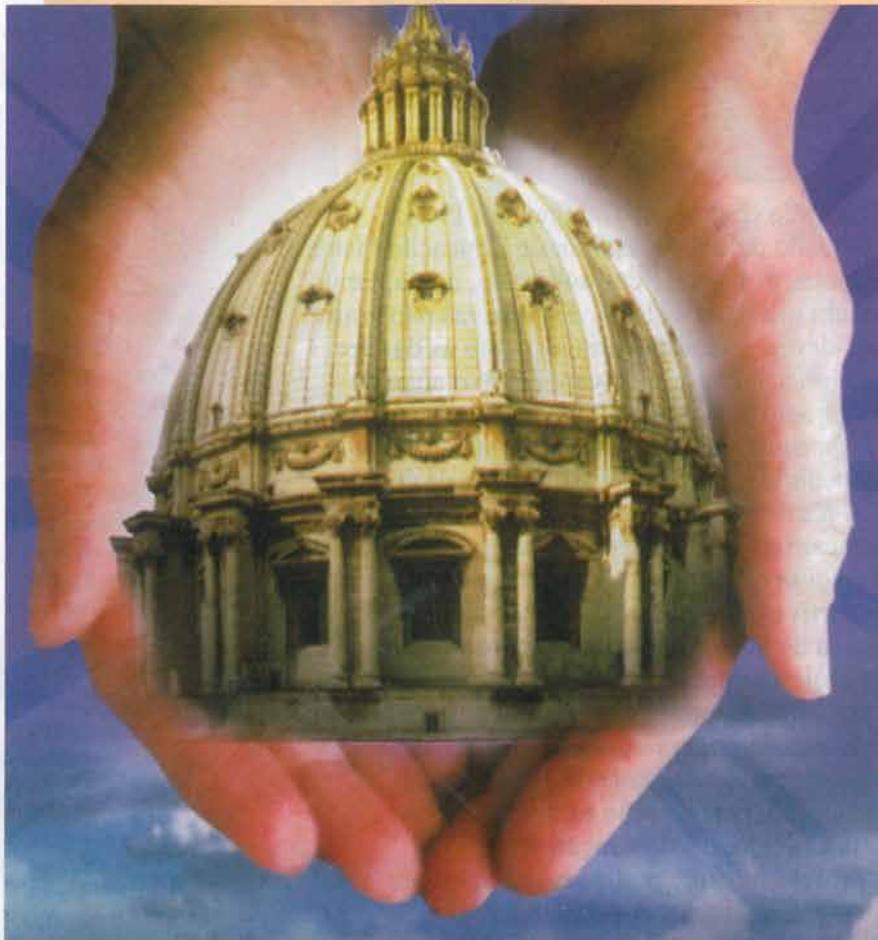
Uma das novidades do Ano Santo é o fato de que sua celebração não acontecerá apenas em Roma, mas também na Terra Santa e em todas as dioceses do mundo.

O próximo ano é de especial importância para os brasileiros. Além do jubileu, serão comemorados no ano 2.000 os quinhentos anos de colonização do Brasil, iniciada em 22 de abril de 1500, quando aqui chegaram as caravelas de Pedro Álvares Cabral.

Esta é uma grande ocasião para agradecer e fazer um sério exame de consciência, para se alegrar e pedir pelos índios, negros, brancos, pobres... Nesta data, no entanto, dois extremos devem ser evitados: a celebração triunfalista e a celebração envergonhada.

Há quem enxergue, nessa história, só aspectos positivos, enquanto outros se detêm apenas nos negativos. A história é a narração da vida com seus sucessos e fracassos.

Segundo o Papa, os dois mil anos do nascimento de Cristo devem ser celebrados no espírito penitencial. João Paulo II convoca os cristãos a pedir perdão por seus pecados ao longo da história.



DOS TEMPOS

Texto de Franco Pierini
(Revista Presenza Vicenziana, abril de 1997),
traduzido e adaptado por Pe. Almeida.

Percebeu o Papa que se tratava de movimento essencialmente espiritual e, portanto, a necessidade de atender à aspiração profunda do Povo de Deus, confirmando com a autoridade da Igreja hierárquica o fato consumado. Proclamou, pois, a 16 de fevereiro, na própria basílica vaticana, o Primeiro Ano Santo da História, através da leitura do documento de inauguração, conservado, até o presente, no alto esquerdo da Porta Santa.

Entre outras medidas, decidiu-se celebrar o Jubileu a cada cem anos. Só que, ao cabo dos primeiros cinquenta, insistentes pedidos obtiveram a redução do período a meio século. Por isso, o 2º Jubileu, concedido pelo Papa Clemente VI (1342-1352), veio a celebrar-se em 1350. Mas não foi suficiente. Por motivos diversos, os Jubileus aconteceram a intervalos cada vez menores. Já antes do término daquele século 14, Gregório XI (1370-1378) reduziu-os a 33 anos, em memória da idade de Cristo, mas o 3º Jubileu se celebrou em 1390 e não em 1383, como era de se esperar. Chegada a passagem do século, a pressão dos fiéis conseguiu o Jubileu para o ano 1400; este e o precedente foram concedidos pelo Papa

Bonifácio IX (1389-1404). Enfim, o Papa Sisto IV (1471-1484), ao celebrar o sétimo Ano Santo em 1475, estabeleceu 25 anos com intervalo regular, podendo cada Papa proclamar Jubileus extraordinários, como vem, de fato, acontecendo.

O Ano Santo ou Jubileu tem raízes na legislação do Antigo Testamento (cf. Levítico, 25:8-34), que prescreve sua celebração a cada cinquenta anos; então, além do descanso da terra, deviam as propriedades vendidas retornar a seus primitivos donos, havendo, para isso, determinações minuciosas.

Mais fortemente, nos fala hoje o texto do profeta Isaías (61:1-3), que Jesus afirmou ter-se realizado em sua pessoa: **“O espírito do Senhor repousou sobre mim... para publicar o Ano da Graça do Senhor.”** Assim, o próprio Jesus fez a ponte entre o Jubileu do Antigo Testamento e os tempos messiânicos que ele inaugurava, quando mostrou que tanto sua pessoa como sua atividade eram sinal e instrumento de misericórdia divina.

De fato, explica João Paulo II: **“O Jubileu é a característica da atividade de Jesus e não apenas a definição cronológica de determinada efeméride.”** (*Tertio Adveniente Millenio*, 11)

As fotos desta matéria são comentadas pelos alunos Carolina, Frederico, Thomaz, Mônica e Larissa.

40 ANOS DE ESPORTES

Quando cheguei no Colégio, em 1974, convidado pelo coordenador de Educação Física da época, professor Sérgio Rabello, inicialmente percebi que as atividades desportivas não eram consideradas tão relevantes quanto as das áreas acadêmica e cultural. Vivenciando o auge da ditadura militar, o São Vicente se destacava pela sua abertura e pela participação nos acontecimentos políticos e culturais da época.

A partir dos anos 80, começamos a nos destacar também nos eventos desportivos e, com isso, foi se consolidando uma comunidade desportiva interna, que cresceu bastante na década de 90, até assumir papel relevante dentro dos projetos educativos hoje desenvolvidos aqui. Posso afirmar que este crescimento foi possível devido ao reconhecimento da importância da atividade desportiva para a educação, pela direção e coordenações deste Colégio, e à dedicação da equipe de professores que realiza este trabalho.

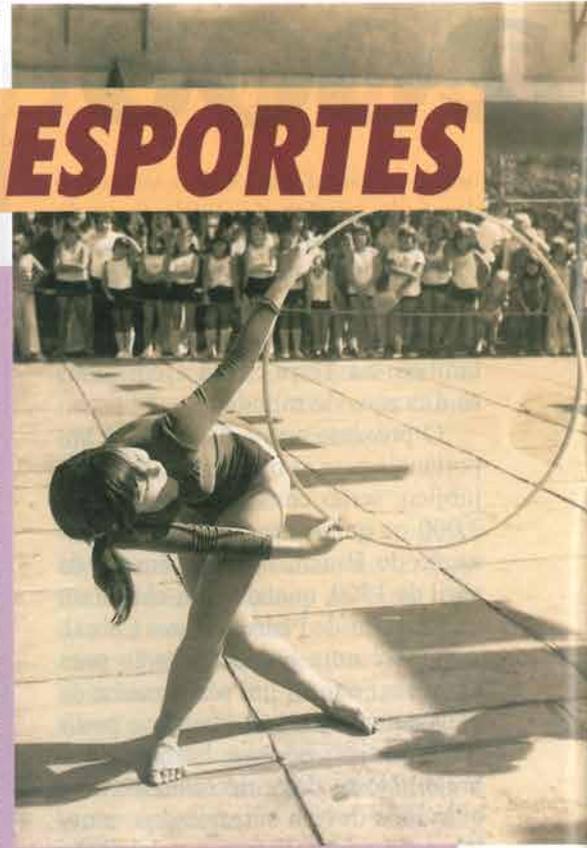
As mais relevantes participações e conquistas desportivas, nos últimos anos, foram as seguintes:

- Intercolegial O Globo Dan'up
- Jogos de Laranjeiras
- Jogos Comemorativos dos 60 anos do Colégio Notre Dame
- Copa Fanta de 1994
- Jogos Comemorativos dos 60 anos do Colégio Santa Rosa de Lima
- Jogos Católicos
- Olimpíada Interna do CSVP

Todas estas participações em eventos desportivos, além das muitas medalhas de ouro, prata e bronze em diversas modalidades, têm contribuído para que possamos desenvolver alguns valores, como: disciplina, dedicação, espírito de equipe, perseverança, coragem, desprendimento, ousadia e amor, que muito contribuem para a formação dos nossos jovens.

Professor Paulo
Coordenador de Educação Física

No aniversário de quarenta anos do colégio, devemos incentivar esportes como a **ginástica rítmica** e a **natação**, que hoje estão extintos mas eram organizados pelo próprio grêmio do colégio. Para a natação, eram alugadas piscinas de clubes. Mas as apresentações de ginástica rítmica, como mostra a foto, eram feitas no pátio do colégio.



As mesas de pingue-pongue do Colégio ainda estão no pátio. São usadas raramente por turmas do primário. Para a maioria dos alunos, elas só têm utilidade como bancos, na hora do recreio ou antes da aula. Antigamente, o pingue-pongue era incluído nas modalidades das Olimpíadas vicentinas. Na foto, pela quantidade de gente assistindo ao jogo, parece que esse esporte hoje "ultrapassado" fazia muito sucesso.

Eventos esportivos como as **Olimpiadas**, que acontecem anualmente, proporcionam ao aluno o espírito de coletivismo, mexem com a emoção e exercitam o respeito e a honestidade perante as regras e o adversário. Durante essas quatro décadas, temos visto o quanto o esporte, esta prática tão saudável, aproxima e integra os alunos.



Na foto, o **basquete** no SVP anos atrás. Nos tempos em que muitas partidas aconteciam no pátio do colégio.



O **salto em altura**, também extinto das Olimpíadas do São Vicente, era realizado geralmente no aterro do Flamengo, junto com as outras modalidades de atletismo.



O **judô** faz parte do passado Vicentino. E por que não do presente? Será que o Grêmio não quer, ou será que os jovens perderam o interesse e preferem se tornar cidadãos alienados em frente à TV, em vez de manter a mente sã e o corpo em equilíbrio?

Quando falamos do colégio São Vicente de Paulo, logo nos lembramos do engajamento político e do envolvimento artístico de seus estudantes, devido à orientação crítica provida pela instituição. Mas poucos se recordam do constante incentivo dado pela escola aos **esportes**, atividades que, durante o processo educacional, nos ajudam a crescer amadurecendo. Assim, rogo aos deuses do esporte que continuem a permitir ao atleta ser atleta e, ao São Vicente, que mantenha sua vitoriosa corrida pela formação de cidadãos, com peito cheio e cabeça erguida.



COMPACTO TEMPO. GRANDE TALENTO

O coro começou pequeno e até um pouco desacreditado, pois algumas iniciativas anteriores tinham fracassado. Inicialmente, era um grupo de 15 vozes. Atualmente são quatro turmas com mais de 60 pessoas. Desde sua primeira apresentação, breve mas ousada, na Semana Cultural de junho de 1993, o coral cresceu, ganhou palcos de fora do colégio e amadureceu musicalmente. Prova disso, é que o grupo acaba de lançar um excelente CD, o *Compacto Tempo*, em comemoração aos 40 anos do Colégio.

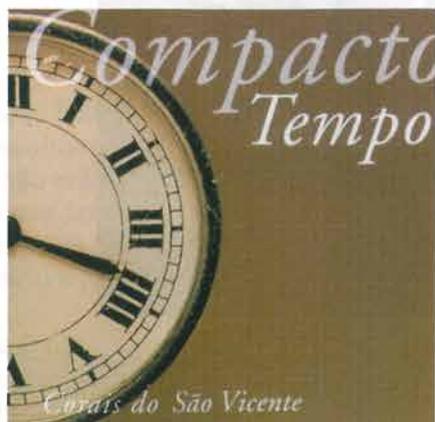
– A gravação do CD nasceu da necessidade de refinar o grupo, estimular ainda mais as pessoas e aproveitar o talento excepcional de algumas delas que entraram *cruas* e se aperfeiçoaram muito. O CD não tem estilo definido. É um trabalho afetivo, uma colcha de retalhos, que mostra em dez músicas as diferentes fases do coral em cinco anos de trabalho – revela a regente Patrícia Costa.

Reconhecimento

Outro mérito do grupo foi ter sido classificado entre os seis melhores do país, na categoria juvenil, no 1º Concurso Nacional de Canto Coral, em 1997, promovido pela Funarte.

O talento do grupo também é reconhecido dentro do Colégio. Quem já assistiu às apresentações de fim de ano sabe como seus integrantes são afinados e entrosados. Os shows, temáticos, são caprichadíssimos: há pesquisa de repertório, cenário, troca de figurino e iluminação. Essas apresentações, preparadas com todo o empenho, têm estimulado a entrada de novos membros. Foi o que aconteceu com Paulo Góes Monteiro, atual diretor da APM.

– Sempre gostei de música, mas até aquele momento, final de 96, não havia surgido uma oportunidade para fazer alguma coisa ligada a essa



área. Foi quando a Patrícia convidou pais, professores e funcionários a integrarem um novo grupo e eu aceitei. Gostei tanto que hoje também faço parte do coral de onde trabalho. Cantar distrai, relaxa, me faz bem – conta Paulo.

José Eduardo Guimarães Barros, o Zé Du, entrou no coral “por acaso”. Ele fazia parte do teatro, do grêmio e de todas as atividades extras da escola. O coral era apenas mais uma. Reconhece que nem se dedicava muito no início, mas depois se tornou exemplo para os demais. Foi ele quem escolheu o título do CD – a expressão *compacto tempo* está na letra de *Lua*, de Caetano Veloso, a primeira música que o coro ensaiou. Zé Du é o integrante mais antigo. Ele participou da primeira aula do coro, em 93. Naquele ano concluiu o 2º grau, depois ingressou na faculdade de Direito, terminou os estudos e, mesmo fora do colégio, jamais abandonou o grupo, que vê como uma grande família.

– Somos muito amigos. Viajamos juntos, mantemos contato nas férias e quinta-feira é o dia em que nos encontramos para cantar. A gravação do CD nos aproximou ainda mais. Foram três semanas de gravação, sempre à noite, estendendo-se até a madrugada. Apesar do ritmo cansativo, foi uma injeção de ânimo para nós – afirma Zé Du.

Pertencente à *nova guarda*, Larissa Silveira Munck Machado, da 8ª série, está no coro desde 97. Sempre gostou de cantar, de MPB à música sacra, e entrou no coral com o objetivo de se aperfeiçoar.

– Gosto de música, mas não tinha técnica para cantar. Quando surgiu a oportunidade para integrar o coro, adorei. Gravar um CD foi outra experiência incrível. Cantar em estúdio é muito diferente de cantar no palco – afirma Larissa.

Sem qualquer vínculo com o colégio, Júlia Borges descobriu o coral através de sua mãe, que é música e amiga de Patrícia. Sempre gostou de cantar, mas não havia participado de corais. Há quatro anos no coro do São Vicente, Júlia afirma que fez ótimos amigos e foi bem recebida pelo grupo.

– Cantar é a melhor terapia que podia ter encontrado. Tem dias que estou irritada, cansada, em que tudo deu errado. Aí vou à aula, faço os exercícios de respiração, o aquecimento de voz, ensaio as músicas e descontraio. No final, parece que aquele dia péssimo não aconteceu: saio leve, cantarolando – conta Júlia.





DIRIGIR aos 16?

Você é favorável à concessão da carteira de motorista para jovens aos 16 anos?

Para ouvir as opiniões dos próprios jovens sobre este assunto polêmico, a reportagem da Chama conversou com os seguintes alunos: Bárbara, Débora, Diana, Lucas e Frederico (de 16 anos), Aline, Alice, Ana Luíza, Ângela, Vítor, Luíza e Mônica (de 15 anos), Helder (13), Ana (14) e Bruno (17 anos). Nas próximas páginas, reunimos também depoimentos de pais de alunos: Paulo Góes (analista de sistemas), Cristina Faulhaber (médica) e Lucília Hess (psicanalista).

– Sou a favor, mas os pais é que vão decidir se o filho pode ter. Não é assim pra todos de 16, os pais que vão emancipar ou não, eles vão saber se o filho é responsável ou não... (Bárbara)

– Acho que é um critério certo, que os pais mesmo têm que avaliar se cada filho tem responsabilidade ou não. (Débora)

– Sou a favor, porque acho que a pessoa tem que ter responsabilidade de qualquer jeito, mas acho que os pais têm que ficar em cima, marcando duro na pessoa, senão não dá certo. (Helder)

– Bom, eu acho que não é a idade que vai dizer se aquela pessoa é responsável ou não, então essa questão quem vai decidir são os pais, saber se seu filho é responsável ou não. (Diana)

– Acho muito perigoso esse ne-

gócio de carteira aos 16 anos, tem muita gente que não tem capacidade, eu acho que até com 18 anos é perigoso. (Bruno)

– Eu não acho legal, quer dizer, por mim até gostaria de dirigir, mas eu acho que o pessoal não tem responsabilidade, é, não tem responsabilidade mesmo, mas tem outras coisas até mais importantes do que dar carteira pra quem tem 16 anos, como legalizar o aborto, por exemplo. (Lucas)

– Eu sou contra a concessão da carteira aos 16 anos porque acho que não tem necessidade. As pessoas de 16 anos estão na base de ir pra festas e ficar bebendo. Eu acho que não tem muita capacidade, teve aquela lei que podia andar de *scooter* e não deu certo; acho que isso não vai dar certo também. (Aline)

– Eu sou contra também, porque acho que uma pessoa de 16 anos não tem responsabilidade pra ter um carro pra dirigir. Acho que uma pessoa com 16 anos não tem uma idéia formada, não tem a cabeça feita ainda. (Ana)

– Então não poderia votar também, porque já que não tem a cabeça feita não poderia votar, nem dirigir. Porque já que é pra assumir responsabilidades vamos assumir por inteiro. Acho que eu sou a favor, mas devia ter as mesmas multas, as mesmas responsabilidades que os adultos. (Ana Luíza)

Se o adolescente cometer algum crime no trânsito, ele deve responder por seus atos?

– Não, acho que os pais têm que responder pelos atos. (Débora)

– Eu acho que se ele tem responsabilidade suficiente pra dirigir ele tem responsabilidade suficiente pra

pagar pelos atos que comete, e os pais só vão emancipar os filhos se acharem que os filhos têm responsabilidade suficiente pra isso. (Bárbara)

– Acho que o adolescente tem que ser responsável por seus atos, se ele for emancipado. (Helder)

– Os pais é que vão ter que se responsabilizar pelos filhos, isso é muito ruim, então ele não tem responsabilidade. (Aline)

– Uma pessoa com 16 anos não tem independência pra ter um carro, nem pra assumir as conseqüências disso, mas a partir do momento que você é autorizado a dirigir, você tá assumindo uma responsabilidade, você tem que arcar com as conseqüências. (Ana)

– Se o pai deixar é porque confia no filho, confia na educação que deu, que de repente já se acha responsável. (Ana Luíza)

– Se o pai autorizou o filho, ele paga pelos erros do filho também,

porque ele confiou, ou ele dá autorização por inteiro e o filho se responsabiliza por todos os seus atos ou não faz nada e continua como tá, sem carteira. (Alice)

– Se ele é de menor, o pai é que tem que ir... quer dizer, eu concordo com a carteira aos 16 anos, mas eu acho que quem tem que ter a responsabilidade é o pai. (Vítor)

– Eu acho que quando a pessoa já tem assim cabeça pra dirigir, pra votar, já pode ser preso também. (Luíza)

Quando você fizer 16 anos vai querer ter um carro?

– Não, vou esperar mais um pouco, porque eu acho que eu não vou estar pronto pra isso. (Hélder)

– Eu já quis muito tirar carteira aos 16 anos, sempre pensei que era ótimo ter carro, mas essa coisa de todo mundo querer ter carro também influi no trânsito, quer dizer, essa tal

Johnny era um cara legal...

PAULO GÓES

É sexta-feira de Carnaval! Dia de botar o pé na estrada para curtir à natureza e esquecer subida de dólar, recessão, desemprego, contas atrasadas, preços do supermercado. Entretanto, é dia de estrada cheia, motoristas bissextos, atenção redobrada ao volante.

A música que saía dos alto-falantes do carro tornava o suplício dos congestionamentos um pouco menos penoso, ao mesmo tempo que trazia algumas reflexões... Ao som de **Alagados**, dos Paralamas, uma multidão invadiu a Linha Vermelha para oferecer seus produtos – água, refrigerante, cerveja! Um real!

Mais reflexões: **Que País é este?** e **Faroeste Caboclo**, da Legião Urbana, também tinham algo em comum com o cenário da Baixada Fluminense e o festival de irregularidades que se seguiu: o motorista do carro importado à frente bebendo cerveja, a moça ao lado sem cinto de segurança, crianças em bancos da frente, acostamento virando pista de rolamento, ônibus caindo aos pedaços, fumaça negra saindo de caminhões, lixo arremessado pelas janelas dos carros, "pilotos" ziguezagueando pelas pistas. Aquilo era o caos!

Será que apenas o novo Código de Trânsito evitaria esses comportamentos? Neste ponto, a música que eu escutava me levou a um outro assunto que interessa a todos nós, pais de jovens prestes a dirigir: a habilitação aos 16 anos.

Esses jovens podem ser responsabilizados em caso de acidente? Todo garoto de 16 anos já tem as condições físicas necessárias para dirigir? O problema é a idade ou a responsabilidade ao dirigir? Se podem votar, por que não podem dirigir?

Tudo isso passava rapidamente pela minha cabeça ao ouvir Renato Russo cantando **Dezesseis**:



João Roberto era o maioral,
o nosso Johnny era um cara legal
Ele tinha um Opala metálico azul
Ele era o rei dos pegas na Asa Sul e em todo lugar
Quando ele pegava no violão
Conquistava as meninas e quem mais quisesse ver (...)
Mas de uns tempos pra cá meio sem querer alguma coisa aconteceu
Johnny andava quieto demais só que quase ninguém percebeu
Johnny estava com um sorriso estranho
Quando marcou um super-pega no fim-de-semana
Não vai ser no CASEB, nem no Lago Norte nem na UnB
As máquinas prontas, o ronco do motor
A cidade inteira se movimentou
E Johnny disse:
- Eu vou pra Curva do Diabo em Sobradinho, e vocês?
E os motores saíram ligados a mil
Pra estrada da morte, o maior pega que existiu
Só deu pra ouvir aquela explosão
E os pedaços do Opala azul de Johnny pelo chão
No dia seguinte falou o diretor
- O aluno João Roberto não está mais entre nós
Ele só tinha dezesseis (...)
Johnny era fera demais pra vacilar assim (...)
Bye Bye Johnny

"Que isso sirva de aviso pra vocês..." e algumas lembranças de doce irresponsabilidade ao volante nos meus primeiros anos de carteira martelavam a minha cabeça. Eu, que até então achava que não era diferente dirigir aos 16 ou aos 18 anos, já estava em dúvida... Nada mais natural, pois eu ouvia agora **Metamorfose Ambulante**, de Raul Seixas...

Arquivo EM



O carro pode ser uma sedução irresistível

Acredito que jovens nessa faixa etária ainda estejam em agudo processo de transformação, construindo seus modelos de identificação, inseguros quanto às suas capacidades e profundamente sujeitos a modelos “baratos” e fáceis de asseguramentos para as angústias próprias da adolescência. A propaganda maciça de “possantes máquinas”, dirigidas por mortais travestidos de imortais todo-poderosos, nos leva a presenciar os terríveis acidentes – tanto com motos quanto com automóveis – do dia-a-dia.

O avanço dos sinais de trânsito (“a lei não foi feita pra mim; abaixo a lei”), o profundo desprezo pelos pedestres (“esse não tem a minha força e a minha potência: logo é um fraco; e os fracos precisam ser exterminados, para que não me lembrem da minha fraqueza”), a alta velocidade desenvolvida (para provar que a morte – sombra que a todos assusta – não existe) são fatos habitualmente observados por todos nós.

Essa propaganda atinge a todos, adultos e adolescentes, certamente.

“Não faça de seu carro uma arma” é uma frase conhecida. Mas não alcança a todos, mesmo adultos. É preciso levar em conta que a vida vem se tornando uma carreira pela sobrevivência, e que o trânsito – palco ideal para uma guerra – pode se oferecer para extravasamento da violência que todos nós carregamos, em qualquer idade. Os muitos jovens vivem ainda uma outra “guerra” – própria de sua faixa etária: precisam testar as regras, as leis, as restrições de qualquer natureza, até mesmo para sabê-las consistentes ou não. Para eles, um carro na mão pode ser uma sedução irresistível, oportunidade perfeita para grandes desafios. Desafios que muitas vezes, culminam em tragédias.

Lucília Hess, psicanalista

idéia de querer ter carro e de achar que eu vou ter meu carro, aí vou chegar mais cedo na escola, mas a conclusão que eu cheguei é que uma coisa que me faz chegar atrasada é o trânsito ruim, que é causado pela grande quantidade de carros que tem pelas ruas, então a gente tem que pensar nisso, e eu vou esperar o máximo pra ter carro. (Diana)

Algum de vocês já dirige?

– Eu não tenho carteira, tenho 17 anos, mas sei dirigir e me sinto pre-

parado pra passar na prova e tirar carteira, mas não me sinto preparado pra enfrentar o trânsito, porque eu acho que as escolas não prepararam pra isso. (Bruno)

A que fatores vocês atribuem o caos no trânsito?

– Eu acho que é falta de educação do povo, tem muitas brigas, muita violência, e isso é falta de educação: se o povo tivesse mais escolas a gente não veria isso,

Direção no trânsito: um problema de carteira?

O sistema nervoso da criança apresenta um dinamismo evolutivo muito intenso nos primeiros anos de vida, em virtude da mielinização (substância que forma a bainha em torno dos nervos) progressiva de estruturas centrais, periféricas e das vias de associação intracorticais, intra e inter-hemisféricas. Estas últimas vão se desenvolvendo durante muitos anos, não estando totalmente amadurecidas antes da terceira década de vida.

As pesquisas sobre mielinização mostram bem a relação entre o desenvolvimento das atividades nervosas superiores e da estrutura subjacente. É assim que a adolescência é relacionada ao período das operações formais, em que o desenvolvimento vai se processando através dos estágios em “equilibrações sucessivas”. Sempre surge um novo equilíbrio baseado no estágio anterior. Portanto, cada estágio prepara um equilíbrio novo e mais rico. Nesse momento surge o pensamento capaz de crítica, percebendo o possível e o real. O pensamento formal

raciocina com hipóteses, a inteligência está continuamente se organizando a fim de processar as informações recebidas pelo meio. Este processamento de informações é muito complexo pois ele traduz o desenvolvimento da maturação, seja de mielinização ou seja de sinapses (conexão entre dois neurônios vizinhos permitindo a propagação da informação).

Assim, os adolescentes não têm o amadurecimento neuropsíquico que lhes daria condições de tomar decisões rápidas em momentos de perigo.

Além disso, pelas próprias características desta fase da vida, os adolescentes são impulsivos, gostam de desafiar a si próprios, aos pais, ao perigo e ao mundo. É a época de aquisição de habilidades até então pouco trabalhadas.

Na sociedade atual, com o caos urbano principalmente no trânsito das grandes cidades, será de bom senso colocar adolescentes de 16 anos dirigindo?

Cristina Faulhaber, médica

não haveria essa violência toda. (Mônica)

– Eu acho que a falta de educação é uma válvula de escape, as pessoas falam muito palavrão, brigam muito no trânsito, mas eu acho que isso tá mudando um pouquinho, as leis estão ficando mais rígidas. (Lucas)

– O automóvel tá muito saturado, todo mundo tem automóvel, as ruas estão muito cheias, o trânsito cada vez mais perigoso, muita gente dirigindo. (Frederico)

Que é que você acha que seria necessário pra melhorar isso?

– Mais fiscalização e melhoria também nas auto-escolas, o povo é muito mal educado para o trânsito, mal informado. (Hélder)

– Acho que é o respeito, as pessoas aprenderem a respeitar as regras. (Ana)

– Não adianta que haja leis e regras se não há obediência, mas também não adianta obrigar as pessoas a obedecerem. O que tem que se fazer é uma conscientização e uma mobilização da população para essas regras, porque às vezes as pessoas comentam: “Ah, que chato usar cinto de segurança”... quer dizer, a pessoa tem que prestar atenção. (Diana)

Você tem alguma sugestão para acabar com o caos no trânsito do Rio de Janeiro?

– Devia ter mais sinalizações e responsabilidades, porque tem muita gente que dirige bêbado e causa acidentes. Não há necessidade de ter pressa, tem que respeitar a sinalização e não beber. (Alice)

– Tem muita desorganização, muita obra, devia ter aquele negócio que teve em São Paulo, de revezamento de carro. (Aline)

– Além do revezamento de automóveis acho que deveria ter horário próprio para caminhão, eu acho que às vezes os caminhões ficam transitando a qualquer hora. (Ângela)

– Eu acho que pra melhorar deviam viabilizar outros tipos de transporte como trem, ciclovias e outros. (Bruno)

Como é ter namorado que tem carro, tirar uma onda...?

– Minha mãe só deixa se eu conhecer muito a pessoa, confiar muito e se tiver mais gente também e ela souber que a situação não tem perigo nenhum. (Ângela)

– Eu acho que se meu namorado tivesse carteira, porque ele ainda não tirou, eu acho que minha mãe deixaria porque ela já conhece, ela já tem confiança nele, acho que deixaria. (Alice)

– Não sei o que minha mãe faria, mas a questão de confiança, a partir do momento que ela confia nele, que eu confio nele e ela sabe que eu confio, acho que não tem problema. (Ana)

“Não há necessidade de ter pressa, tem que respeitar a sinalização e não beber.”

– Eu não tenho namorado, mas minha mãe com certeza não me deixaria sair com ele. Ela às vezes não me deixa sair com meu irmão, pra sair com meu irmão demorou bastante e ela saiu com ele antes pra ver como é que ele dirigia. Eu acho que se eu tivesse namorado e ela conhecesse ele, visse que ele é tranquilo, que não bebe, ela até deixaria. Uma vez que eu viajei, ela me deixou voltar pra casa com um amigo, mas antes ela conversou com ele: “Olhe, você não vai beber”... aí ela ficou tranqüila. (Camila)

Que é que vocês acham desse papo de que o jovem gosta de velocidade?

– Eu acho que a maioria, nessa idade, quer mostrar assim que um é melhor que o outro, que consegue, principalmente esse negócio de mulher, assim, “Ah, eu pego mais mu-

lher”, e eles acham que com carro seria mais vantagem com as garotas, sempre disputando... “Ah, vamos ver”, isso e aquilo. (Ângela)

– Essa questão de velocidade depende do lugar que você tá e como é que você tá, porque às vezes pode acontecer alguma coisa, depende de muita coisa... (Alice)

– Acho que no começo, quando começa a pegar no carro a pessoa tá mais empolgada quer mais experimentar as coisas. Aí vai naquela empolgação e aí começa a correr mais, a gente é assim no começo, a gente se empolga, depois acostuma, aí vai crescendo e vai diminuindo essa coisa... (Ana Luíza)

– Eu acho que é assim, ao mesmo tempo que tem motorista mais velho, com trinta, quarenta anos, uns têm mais responsabilidade, dirigem na velocidade média, outros gostam de acelerar, eu acho que não é todo jovem que vai gostar assim de andar a mil por hora, pô, eu acho que o jovem que tem cabeça ele também vai ter responsabilidade quando for assim dirigir. (Vítor)

– Velocidade não depende da idade, porque, mesmo que você já tenha 18, no começo vai se empolgar, entendeu? Acho que com relação à velocidade, esse negócio de dizer que com 16 você corre mais, eu acho que não tem nada a ver. (Ângela)

– Mas assim é realmente excitante, não é, você acabou de sair de uma festa, quatro horas da manhã, aí você tá em um carro assim com mais quatro, cinco amigos, todo mundo lá, não tem ninguém na rua, em plena Avenida Atlântica, pô, o pessoal vai querer correr...zoar. (Vítor)

A partir daí todo mundo começou a dar opiniões ao mesmo tempo e ficou difícil entender quem era quem, mas deu pra perceber como a rapaziada está ligada nesse assunto. E parece que numa coisa as opiniões coincidem: é preciso ter os limites definidos para que se possa assumir uma responsabilidade tão grande como dirigir um automóvel, e isso vale para todas as idades.

Os colegas do São Vicente foram a primeira platéia da cantora **Clara Sandroni**. Nos saraus organizados no auditório do 5º andar ela soltava a voz, ou às vezes deixava só o seu violão cantar. Ao ingressar no colégio em 1975, Clara integrou a primeira turma de teatro do professor Almir Telles, e estreou junto a outros colegas, entre eles Moacyr Góes, com a peça *Calabouço*. “Completamente histórica”, como se definiu, por seu comportamento extremamente participativo, Clara estava presente em tudo: fazia parte do Cineclube, do Musiclube, do Grêmio, escrevia jornais, organizava festivais... Era politizada e engajada em todas as atividades nas quais se discutia a situação do país, ainda marcada pela repressão.

A chegada no São Vicente

Foi um grande susto, porque eu vinha de escolas pequenas. Quando entrei no S. Vicente senti pavor: para mim era um troço gigantesco, com aquele pátio, um monte de escadas e salas, um mundo enorme e assustador. Nesse primeiro ano, eu lembro de ter ficado muito na minha, de ter um ou outro amiguinho, de não conseguir me situar direito, mas aos poucos eu fui curtindo o clima do colégio, que tinha muitas atividades extracurriculares. O meu irmão, o Carlos, já estava no 1º ano do colegial e fazia parte de uma turma muito atuante. Quando cheguei lá, mergulhei de cabeça nessas atividades todas... Nessa época, existia uma pessoa que foi muito importante pra nossa geração – o prof. Jorge Luiz, coordenador de atividades extra-curriculares.

Ilha de democracia

Dei de cara com um S. Vicente cheio de atividades e sabia que lá fora o pau estava comendo. Fui me dando conta das coisas, da repressão. Em 76 começou a abertura, mas ainda existia um clima de muito medo. E nesse ano, o São Vicente era uma ilha de democracia e de atividades artísticas e políticas. Víamos a arte como uma atividade política, e sabíamos que em outras escolas a repressão era muito grande.



Na corda bamba

Tinha um grupinho mais de esquerda, que tentava conscientizar as pessoas. Tinha um pessoal hippie. Tinha aquele grupinho que era politizado, mas não partidário, era um pessoal artístico. O meu lance era o grupo mais politizado, mas a minha postura era de hippie. Eu sempre estava descabelada, com a calça toda rasgada. Era engraçado porque o pessoal hippie pensava que eu era hippie e se escandalizava com o meu discurso político. O pessoal politizado, ao contrário, via que eu era politizada e se escandalizava com o meu jeito de hippie. Era cheia de contradições.

O palco do S. Vicente

O que me impulsionou em termos de carreira, no Colégio, foram os saraus, nos quais eu me apresentava cantando solo ou tocando violão. É a primeira lembrança que eu tenho de encarar uma platéia, de ter um retorno e sentir que existia alguma coisa incrível acontecendo ali, que eu não sabia exatamente o que era, mas era meio assustador.

Escolha difícil

Eu queria ser bióloga. Não queria ser cantora profissional. Eu adorava Biologia e adorava Química. A Biologia era a única matéria que eu estudava o capítulo antes de o professor dar na aula seguinte. Mas me decepcionei na faculdade, porque eu queria fazer Ecologia. Fiquei lá um ano e meio. Eu agüentei esse tempo pela política, não pela Biologia. Chegava lá e tinha a minha atividade, no Movimento Estudantil. Era uma época de muita manifestação política: O início da anistia, os exilados voltando, os partidos saindo da clandestinidade. Foi um momento com muitas emoções.

Música

No final de 80, deu aquela crise. Eu comecei a pensar: O que eu sei fazer? Eu sei cantar. Então, vou encarar. Aí, eu fiz vestibular pra Música, na Uni-Rio, com a intenção de estudar canto. Mas nos primeiros seis meses vi que não era bem isso o que eu queria, porque o canto ali era erudito. Então passei pra licenciatura. Na Uni-Rio, comecei a me envolver com os grupos de coral. Depois, me chamaram pra fazer um teste musical, no final de 81. Tranquei a faculdade e fui. O musical era *Godspel*. Quando acabou a peça, resolvi fazer um show solo, como cantora. Aí, montei uma banda e pronto. Fiz o meu primeiro show. Eu tive um começo mais forte junto ao público em 83, e em 84 gravei meu primeiro disco. Tive muita atividade até 91/92. Depois dei uma parada e só retornei em 95, com um show cantando Baden Powell, e voltei a fazer show com mais intensidade. Depois de passar quase dez anos sem gravar, estou lançando agora um novo disco, com o grupo Lira Carioca e o cantor Marcos Sacramento. No repertório, sambas de Sinhô e Noel Rosa. Além de gravar discos e apresentar shows, Clara dá aulas de canto.





Mercado de trabalho, fim do vestibular, Nova Lei de Diretrizes e Bases, Filosofia e Sociologia, aumento da carga horária escolar. Com todos esses temas na cabeça, a aluna Mariana Costa Pereira Bonfim procurou registrar a opinião de alguns colegas, a pedido da Chama.

Diana Fichman Monteiro de Souza (2ª série) respondeu em forma de artigo, enquanto Eduardo Abritta Figueiredo e Luiz Felipe Maciel de Souza (3ª série) responderam à entrevista feita por Mariana. Além deles, os alunos Iúri Lioi, Danilo e Mateu, ilustradores da Chama, também trouxeram suas opiniões na forma de cartuns.

PRESENTE E FUTURO:

Como você acha que deveria ser o vestibular ?

Eduardo: – Acho que o vestibular deveria ser bem diferente. Por exemplo, em vez de você fazer todas as matérias da prova, você deveria fazer só as que vão te interessar. Eu, por exemplo, que vou fazer engenharia, não precisaria fazer história e geografia; só matemática, português, química e física. Também tem muita coisa pra decorar, muitas fórmulas. Acho que elas deveriam vir num papel e a gente procurava, sem ter que decorar todas elas.

Você acha que deveria ser implantado esse sistema de uma prova no fim do terceiro ano, ou então uma prova a cada ano, ou até mesmo entrevistas, como algumas faculdades particulares do Rio já estão fazendo ?

Felipe Maciel: – Três provas. Uma em cada ano do segundo grau (Ensino Médio), porque você avalia o conhecimento do aluno a cada ano. No terceiro ano já esquecemos muitas coisas, vira tudo “decoreba”.

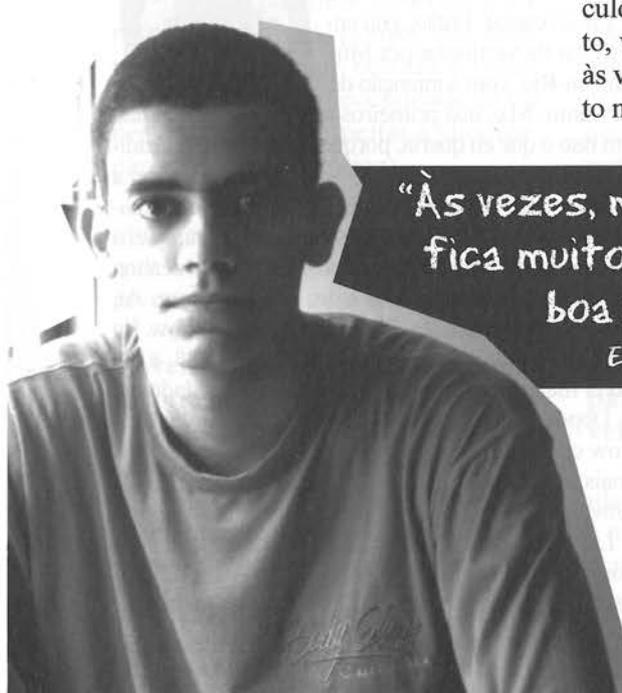
Eduardo: – Acho que é melhor uma prova no final de cada ano, porque você está com a matéria daquele ano “mais na cabeça” e também seria bom uma entrevista para que a faculdade pudesse conhecer o candidato, ver o currículo da pessoa, porque às vezes no vestibular você fica muito nervoso e não faz uma boa prova.

Você acha que fazendo só as matérias da sua área específica, vai atender aos atuais pré-requisitos do mercado de trabalho?

Felipe Maciel: – A prova poderia ser mais atual. História do Brasil, por exemplo, em vez de ser sobre o Descobrimento, poderia ser uma prova que envolvesse as coisas que acontecem atualmente, perguntando por que aconteceu isso, de acordo com os fatos históricos.

A história antiga, por exemplo, deveria ser só para aquelas pessoas que realmente vão trabalhar nessa área?

Felipe Maciel: – É, só para as pessoas que têm interesse nessa área.



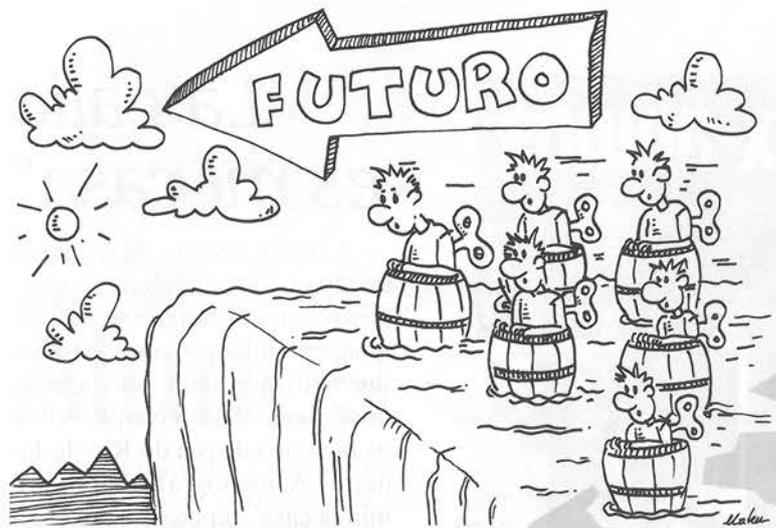
“Às vezes, no vestibular, você fica muito nervoso e não faz uma boa prova.”

Eduardo Abritta



“No terceiro ano já esquecemos muitas coisas, vira tudo decoreba.”

Felipe Maciel



“Injusto
ou justo,
o mercado
de trabalho
está aí.”

Diana de Souza



O que
pensam
os
jovens?

Os estudantes estão extremamente habituados a ouvir coisas do tipo:

“O que você vai ser quando crescer?”

“...Vestibular para quê?”

Muitas vezes a coisa pára por aí, ignorando o que a gente é agora e o lado prático do vestibular. Com a nova Lei de Diretrizes e Bases, vem à tona essa discussão do hoje *versus* amanhã, trazendo sérios questionamentos.

A falta de articulação e de praticidade do antigo segundo grau resultaram nessas novas mudanças, alterando o dia-a-dia do estudante e suas perspectivas dentro de um mercado de trabalho altamente competitivo.

O aumento da carga horária tem a intenção de tornar possível um acúmulo maior de aulas, para melhor rendimento na soma de conhecimentos. A grande questão é: por que aumentar a carga horária, se o grande problema do vestibular é levar a uma grande *decoreba* de informações, ao invés de levar ao aprendizado, ao conhecimento.

Quanto à inclusão de Filosofia e Sociologia, realmente importantes para a formação de indivíduos como cidadãos, resgata-se um sério problema. Este problema muitas vezes já é levantado com relação às matérias

habituais, e tratando-se assim de matérias novas, “nunca dantes navegadas” cria-se um clima de questionamentos e críticas, muitas vezes até injustas pela falta de divulgação do assunto, já que é novo para muitos.

Tudo o que é imposto soa mal ao estudante, ou melhor, a qualquer um que tenha um mínimo de senso crítico. Contudo não podemos esquecer a realidade extremamente difícil, de crise, desemprego, desqualificação. Vence o mais forte ou o que vê mais longe, dependendo do que se entende por vencer. Enfim, o mercado de trabalho está aí. Injusto ou justo, está aí. Por isso é importante saber o que os jovens deste colégio – que já tem quarenta anos de passado – pretendem do presente e do futuro. (Diana Souza)



Churrasco reúne ex-alunos



A turma que se formou em 98 voltou ao São Vicente para se reencontrar. Na última vez em que a maioria deles esteve lá, eles ainda eram alunos. Agora voltaram como ex-alunos, para colocar o papo em dia, rever o Colégio e aproveitar o tradicional Churrasco de Ex-alunos.

Eles mesmos organizaram tudo (com uma pequena e também tradicionalíssima ajuda do Artur e da Equipe de Disciplina). E estava tudo ótimo! Durante o churrasco, ficaram expostas, em primeira mão, as fotos que irão para o 4º andar. Além disso, eles também puderam assistir ao vídeo da festa de encerramento deles e ainda conferiram as obras do Colégio. Até mesmo eles, que saíram faz pouco tempo, ficaram um pouco perdidos com as mudanças.

Mas isso não os impediu de aproveitar a festa em clima de recreio. Ao som da Rádio, sentaram nas mesas de pingue-pongue e mataram as saudades. Estavam quase todos lá. Entre eles, alguns professores e coordenadores, Pe. Almeida e Pe. Maurício, e o pessoal da AEXA (Associação dos Ex-Alunos), dando boas-vindas aos novos ex-alunos. Cada um deles recebeu sua carteira de ex-aluno e foi devidamente convidado para participar da nossa Associação.

É muito importante a participação dos novos ex-alunos na AEXA, organizando e comparecendo a eventos como esses. Precisamos criar uma tradição dentro de nossa Associação, para que todos possam sempre participar. Sejam bem-vindos!

■ Já estamos nos preparando para as comemorações dos quarenta anos do Colégio. Nos próximos meses, estaremos envolvidos com os preparativos de eventos dos quais os ex-alunos farão parte. Se você tem alguma idéia ou está disposto a nos ajudar, entre em contato conosco.
■ A diretoria da AEXA, em visita à sede da Associação de Ex-alunos do Colégio Militar, teve a oportunidade de conversar com alguns membros da diretoria que nos con-

taram como funciona sua Associação. Este ano a AACM comemora seus sessenta anos, e nós, que ainda estamos começando, fomos lá para ouvir a voz da experiência.

■ Em um levantamento feito pela AEXA e a direção do Colégio, descobrimos que 48 mães e 61 pais das quase mil famílias de alunos são também ex-alunos do São Vicente.

■ A atualização dos dados dos ex-alunos é muito importante para que possamos manter contato e

organizar nossa Associação. Se você é ex-aluno ou conhece algum, por favor, preencha o cadastro pela internet, na *homepage* do Colégio, ou atualize seus dados pelo telefone 556-0796, ramal 2010.

■ Nos próximos meses estaremos desenvolvendo nosso *site* na internet. Em breve teremos nossa própria *homepage*!

■ Participe enviando qualquer sugestão, reclamação, textos para esta coluna.

Nosso e-mail é: aexa@zipmail.com.br.

"La calle es mi casa"

A Prof. Maria Margarida Cardoso foi convidada a apresentar, em um congresso na Turquia, em julho próximo, o trabalho realizado com seus alunos do Colégio São Vicente, sobre os meninos de rua do Rio de Janeiro. A monografia "A rua é minha casa" repercutiu nos meios acadêmicos internacionais depois da publicação de um artigo da Prof. Maria Margarida na revista "Historia, Antropologia y Fuentes Orales" (da Universidade de Barcelona, Espanha), uma das principais publicações acadêmicas do gênero em todo o mundo.

Graúna na TV Futura

O trabalho do Comitê Graúna junto a comunidades carentes foi destaque no *Jornal Futura*, exibido em setembro passado. A matéria contou um pouco da história deste programa, criado há cinco anos por alunos dispostos a 'fazer a sua parte' na luta contra a miséria e em prol da cidadania.

Ao analisar a iniciativa de jovens que dedicam parte de seu tempo ao bem-estar de comunidades desfavorecidas, o jornalista **Gilberto Dimenstein**, em entrevista ao telejornal, afirmou que esse tipo de ação deve fazer parte do currículo obrigatório das escolas, "não só porque os alunos melhoram as comunidades onde atuam, mas porque desenvolvem contatos de saber."



Alunos concluintes 1998

Alice Leitão da Cunha Jerusalmi
Ana Carolina Anecchini de Carvalho
Ana Carolina Avzaradel
Ana Carolina Franco Ferreira
Ana Rosa Barreto Campello Tendler
André Carvalho Legey Mourão e Lima
Barbara Tadzia Trautman Richers
Bernardo Cunat Cervero
Bernardo José de Brito Ferreira
Carla Ribeiro Cabral
Carlos Eduardo Nascimento Rizzo
Carlos Eduardo Santos Musso
Carolina Martins Boia do Nascimento
Cecília de Mendonça
Christine Cruz Oliveira
Clara de Souza Rocha Meliande
Clarissa de Oliveira Gomes
Clarisse de Lena e Souza Goulart
Cristina Penna Pfaltzgraff
Daniel Bartha de Mattos Almeida
Daniel de Castro Cavalcanti
Daniel Simão Nascimento
Daniel Vasques de F.V.do Espirito Santo
Denis Nascimento Vilela
Diego Gabriel Trapa
Dina Salem Levy
Diogo Louzada de Matos
Eliane Lemos da Silva Castro
Fábio Guimarães Oliva
Felipe de Andrade Magalhães
Felipe do Amaral Rubião
Felipe Roberto Magalhães Cunha
Fernanda Paiva Guimarães
Fernanda Soares da Costa
Filipe Estevam de Lima
Gabriel Gutierrez Mendes
Gabriel Leandro Jauregui
Giselle Moreno Batista
Guilherme Hissa Villas Boas
Gustavo Machado Gonzalez
Gustavo Motta Rubini
Gustavo Ramalho Rotstein
Helio Brasileiro da Silva Neto
Igor Freire de Vetyemy
Irene Platttek Teles
Isabel Acylino de Lima
Ivo Chermont P. Lessa de Vasconcellos
Jaie Saavedra Farias
Joana Barbosa Rodrigues Ribeiro
Joana El-Jaick Andrade

Joana Joffily
Joana Pinto Guedes Figueiredo Jabace
João Bretas de Araujo
João Polessa Dantas
Juliana Coelho Marques de Araujo
Juliana Nunes Ramos
Karla Nogueira Hayden
Larissa Perrotta Jaegger Gama
Laura Bittar
Laura Ramos Campana
Laura Ventura Milidiu
Luana Teixeira de Souza
Luciana da Silva Almendra
Luiza Leite Garcia Fridman
Maira Machado Martins
Marcello de Albuquerque Maranhão Milman
Marcelo Medeiros
Maria Clara Rezende Cunha
Mariana Franca Hemais
Mariana Jesus Lourenço
Mariana Pereira Goulart
Marianna Bretas de Araujo
Marina Costa Bastos Abrahão
Marina Cunha de Magalhães Couto
Marina de Souza Rocha Meliande
Marina Mendes Tavares
Mateu de Athayde Velasco
Miguel Rebouças de Oliveira Diniz
Monique Geller
Natalia Lacerda Bruscky
Pablo Martin Seddon Markwald
Patricia Lopes Gonçalves
Patrick Paquelet Pereira
Pedro Constant de Magalhães Serejo
Pedro Duarte de Andrade
Pedro Lemos Tavares
Rafael Abreu da Costa Pereira
Rafaela Brandão Tavares
Raissa Jappe
Renan Mineiro Martins de Souza
Renato Leitão da Cunha Jerusalmi
Renato Moura Marques
Ricardo Luiz de Almeida Pinto
Rodrigo Bello Loureiro
Rodrigo Teixeira Amâncio da Silva
Tiago Tardin Abdelhay
Vanessa Braga Santoro Nunes
Vinicius Neder Cerqueira
Viviane Santos Vivian

Tenho três filhos que estudaram no Colégio São Vicente. Considero-o um viveiro de liberdade. Os conceitos mais



elevados dessa grande meta do ser humano ali são exercidos até mesmo quando para contestar o próprio colégio em discussões amplas e abertas como ocorreram ao tempo em que lá estudaram. Ao lado desse básico elemento educacional, a liberdade, o Colégio São Vicente é mais uma das instituições a manter a solidez do ensino conforme padrões de eficiência comuns à Igreja Católica ao longo dos séculos.

Senador Artur da Távola

Pe. Almeida,

(...) Quando a escuridão tentava obnubilar seu itinerário, aparece a chama para aclarar os pontos mais escuros da vida e das atividades do Colégio, da mentalidade adotada, da

incerteza de uns aventureiros e da segurança de tantos criteriosos. Realmente, "A Chama" iluminou o caminho para todos nós!... Parabéns ao Colégio e aos responsáveis pela chama, que não pode apagar-se.

Pe. Sílvia Batista Martins, c.m.

Estou lendo, encantado, o belo número de dezembro último, da Revista **A Chama**, na comemoração dos seus 25 anos de vida e valioso apostolado. Parabéns! Vão em frente! Façam valer a grande força missionária vicentina.

Dom Belchior Joaquim da Silva Neto – Bispo de Luz – MG

A *Chama* nº 57 publicou matérias sobre o trânsito nas proximidades do Colégio. A primeira apresentou entrevistas com alunos, enfocando o desrespeito ao sinal de trânsito em frente ao colégio. A segunda, uma proposta de educação para o trânsito, tanto em sala de aula como em debates mais amplos, além de sugerir a busca de soluções técnicas para

os problemas locais. As duas últimas matérias ressaltaram o papel da CET-Rio – que, sendo solicitada, realiza palestras em escolas sobre educação de trânsito – e o depoimento de um guarda de trânsito que atua nas imediações do Colégio Sion. Além disso, revelou-se que a instalação do sinal de trânsito hoje existente na frente de um dos portões do CSVP deveu-se a uma campanha da Chama em 1974.

Lembrando que já ocorreram alguns atropelamentos de alunos e que os problemas permanecem, torna-se necessário retomar a idéia de uma **educação para o trânsito**, no âmbito da educação para a cidadania.

Carmen Beatriz Silveira - relações públicas e secretária da **APM na gestão 95/98**

A redação da Chama aproveita para agradecer o apoio da secretária municipal de Urbanismo, Hélia Nacif, que viabilizou os contatos com o representante da CET-Rio, entrevistado na ocasião.

Espaço Aberto

Nesta nova seção, a **Chama** propõe-se a encaminhar cartas de alunos e pais para serem respondidas pela direção, coordenações ou professores do Colégio. Portanto, participe. O **Espaço Aberto** é todo seu.

Por que o São Vicente não tem, no currículo, aulas de inglês nas séries iniciais?

Lúcia Camargo - mãe de alunos

O São Vicente não é uma escola de tempo integral. Desse modo, é preciso priorizar os conteúdos básicos do currículo. Consideramos que, nas primeiras séries do Ensino Fundamental, a ênfase deve estar nos objetivos do uso e análise da língua pátria, não só por motivos políticos mas também metodológicos. A possibilidade de uso de uma segunda língua pode ser retardada.

Acreditamos que o conhecimento da própria língua deve preceder ao conhecimento de outra língua alternativa. Embora cada língua tenha sua própria estrutura, o conhecimento prévio da estrutura de uma língua auxilia no conhecimento da outra, pelo que se pode comparar de

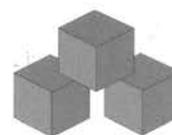
semelhanças e diferenças, e essa comparação só é possível quando o aprendiz já dispõe de recursos de análise como instrumento pedagógico. A aprendizagem simultânea só se torna eficaz quando objetivamos um desempenho bilíngüe e a metodologia, no caso, é a imersão no ambiente falante da língua, à semelhança do que acontece na aprendizagem da língua materna.

Para nós, no São Vicente, a aprendizagem da língua estrangeira aparece como instrumento de trabalho para compreender textos escritos, na vida universitária, assim como para o entendimento da expressão oral suficiente para acompanhar conferências, debates, filmes, gravações...

Desse modo, não adotamos o método áudio-oral, pois ele não responde às nossas prioridades e às nossas condições de trabalho. Entretanto, buscamos utilizar recursos audiovisuais, inclusive o computador, de modo a dinamizar as aulas e atender aos objetivos de compreensão da língua na sua expressão oral.

Nina (Coordenadora)

Escola de Educação Infantil e Alfabetização



ATCHIM

Escola de Educação Infantil & Alfabetização

DE 3 MESES A 7 ANOS

- Funciona de janeiro a janeiro, de 7:30 às 19 horas
- Você faz o horário que mais lhe convém
- Você escolhe o mês de suas férias
- **CRECHE:** atende bebês a partir de 3 meses
- **PRÉ-ESCOLAR:** prepara crianças de 3 a 7 anos desenvolvendo suas múltiplas potencialidades, através da Música, Yoga, Inglês, Artes, raciocínio lógico-matemático, enriquecendo a linguagem e estimulando a criatividade.
- Aos 6 anos, conclui a etapa de alfabetização
- Oferece atendimento especial pela manhã para crianças que estudam no Colégio São Vicente de Paulo, estabelecimento que dá continuidade ao Ensino Fundamental para os alunos do Atchim.
- **CONVÊNIOS:**
BNDES, Petrobras e Globo.

32 ANOS
em atividade

O ATCHIM trabalha estimulando e preparando crianças, infundindo-lhes valores éticos para que sejam os cidadãos equilibrados do terceiro milênio, capazes de agir corretamente, trabalhando pela paz num mundo globalizado.

**Funcionamos
durante doze meses,
sem férias**

Creche: 266-0046 - Humaitá
Pré-escola: 539-0046 - Jardim Botânico

www.atchim.com.br

Construindo juntos o Projeto Pedagógico



O MILAGRE DO COLÉGIO

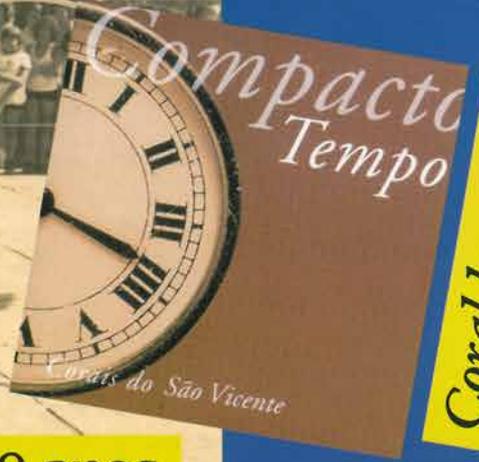
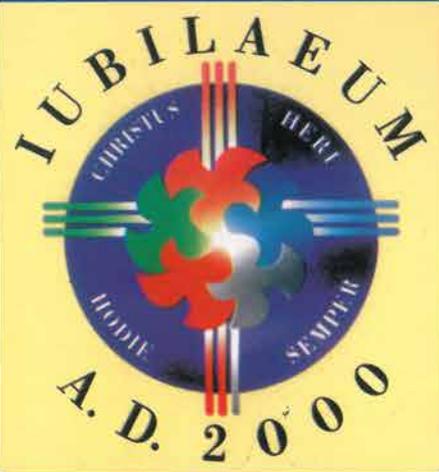


Histórias de quem ajudou a construir a escola



Estamos preparando o futuro

JUBILEU ANO 2000



Coral lança CD

40 anos

de esportes



O que pensam os jovens



DIRIGIR

16?

aos

